



Contra a Pobreza, Agindo Conjuntamente

Livreto de Treinamento

Junho de 2007 n°9

Edição Especial

Assembléia Internacional da AIC – 2007

Procedimentos

Mulheres e Pobreza – Diversidade de Culturas

ASSEMBLEIA INTERNACIONAL DA AIC

**9 - 14 de Março de 2007 – Roma,
Itália**

Mulheres e Pobreza – Diversidade de Culturas

AIC
23 Rampe des Ardennais
B-1348 Louvain la Neuve
e-mail : contact@aic-international.org
www.aic-international.org

Patrocinado por
Congregação das Irmãs de Caridade; Congregação dos Pais da Missão;
Doações Particulares.
UNESCO; Fundação FMS ; UNITAS ASBL ; Frauenmissionswerk; MISEREOR ;
RENOVABIS; UNESCO ; ADVENIAT
e DGCD (Cooperativa Belga para o Desenvolvimento)



CONTEÚDO

Capítulo 1 Mulheres e pobreza – diversidade de culturas.....	4
SESSÃO DE ABERTURA, <i>MARINA COSTA</i>	4
CULTURA, DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE DO SER HUMANO, <i>THIERRY VERHELST</i>	9
Capítulo 2 Culturas, causas da pobreza ou um impulso para a mudança?	12
ESBOÇO DO SEMINÁRIO.....	12
APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DOS ESPAÇOS CULTURAIS.....	12
SITUAÇÃO DE POBREZA VIVIDA PELAS MULHERES	13
A CULTURA TRADICIONAL PODE MUDAR? <i>GOBALECH GEBRE</i>	22
PLENÁRIO, <i>MARIA CASELLA</i>	25
Capítulo 3 Meios praticos de ir contra a pobreza das mulheres	30
ESBOÇO DO SEMINÁRIO.....	30
FORUNS	31
OFICINAS	31
Capítulo 4 Diretrizes operacionais e pobreza das mulheres	32
ESBOÇO DO SEMINÁRIO.....	32
AS RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA, <i>S. MARIA PILAR LOPEZ, HC</i>	33
INTRODUÇÃO AS DIRETRIZES OPERACIONAIS, <i>MARINA COSTA</i>	41
Capítulo 5 Compromissos	44
ESBOÇO DO SEMINÁRIO.....	44
2007 – 2009 DIRETRIZES OPERACIONAIS	45
DISCURSO DE ENCERRAMENTO, <i>MARINA COSTA</i>	46

PROGRAMAÇÃO

AIC 2007: MULHERES E POBREZA DIVERSIDADE DE CULTURAS

09 de Março – Sexta Feira - Mulheres e Pobreza – Diversidade de Culturas

09:00- Sessão Inaugural

- Abertura da Assembléia por *M. Costa, Presidente do Internacional.*
- Discurso de Boas Vindas por *M.C. Cambiaggio, Presidente do AIC – Itália*
- Apresentação das Delegações
- Apresentação da AIC e do tema da Assembléia por *M. Costa, Presidente do Internacional*

15:00 – Experiências de Mulheres em Situações de Pobreza – Testemunhos da AIC

15:30 – “Culturas, Desenvolvimento e Dignidade Humana”, *por Thierry Verhelst, Consultor de Relações Interculturais*

17:30 – Diferentes Visões, Uma Cultura Tradicionalmente Matriarcal
– *Testemunhos em Vídeo.*

18:15 – Missa, *com Padre G. Gay, Superior Geral da Congregação da Missão.*

10 de Março - Sábado - Culturas, Causas da Pobreza ou Impulso por Mudanças?

09:00 – Momento espiritual

Esboço do Seminário – Feedback *por Uca Agulló*

Apresentação dos Espaços Culturais

09:30 – Experiências de Mulheres em Situações de Pobreza – *Testemunhos da AIC*

10:15 – Metodologia para Oficinas, *por Miriam Magnoni*

10:30 – Quando a Cultura é a Causa da Pobreza – Oficina

15:00 – “A Cultura Tradicional pode Evoluir?”, *por Bogaltech Ghebre*

16:30 – Painel de Debates *com a Professora Anna Casella Paltrinieri*

18:30 – Missa

11 de Março – Domingo - Meios Práticos para ir de Encontro à Pobreza das Mulheres

09:00 – Momento Espiritual
Esboço do Seminário – Feedback *por Uca Agulló*

Fóruns

- Micro-créditos
- Mudança Sistêmica
- Programa de Cuidados com a Saúde da Comunidade
- Cooperativas
- Representação Internacional e Ação Política
- Integração Social

15:00 – “As raízes da espiritualidade de São Vicente de Paula inspiram o nosso caminho para ir de encontro à pobreza, especialmente a pobreza de mulheres”.
M. Pilar Lopez, DC.

16:00 – Introdução a Diretrizes Operacionais *M. Costa, Presidente do Internacional*

16:30 – Oficinas sobre Diretrizes Operacionais - 1ª Parte

18:30 – Missa

12 de Março - Segunda –Feira -Diretrizes Operacionais e Pobreza das Mulheres

09:00 – Momento Espiritual
Esboço do Seminário – Feedback *por Uca Agulló*

09:30 – Oficinas sobre Diretrizes Operacionais (2ª Parte)

15:00- Assembléia Regulamentar (1ª Parte), *por Christine Peters*

18:30 – Missa

13 de Março – Terça-Feira - Compromissos

09:00 – Momento Espiritual

Esboço do Seminário – Feedback *por Uca Agullo*

09:30 – Assembléia Regulamentar (2ª Parte – Eleição), *por Christine Peters*

11:30 – Apresentação das Diretrizes Operacionais

por M. Costa, Presidente do Internacional

Discussões em grupos sobre Diretrizes Operacionais

15:00 – Encontro de Presidentes dos Regionais

Oficinas:

- Trabalho sob a forma de projeto
- Busca de Fundos
- Comunicação – Melhorando a Visibilidade
- Ações para a Prevenção de Violência contra Mulheres

17:15 – Votação das Diretrizes Operacionais

Discurso de Encerramento

18:00 – Missa de Encerramento *com o Padre M. Ginete,*

Conselheiro Internacional da AIC, Delegação da Família Vicentina Internacional

Capítulo 1

Mulheres e Pobreza – Diversidade de Culturas

SESSÃO DE ABERTURA

Marina Costa, Presidente Internacional da AIC

Saudações e Boas Vindas a esta Sessão Inaugural da nossa Assembléia Internacional

“AIC 2007: Mulheres e Pobreza – Diversidade de Culturas”.

Obrigada às autoridades civis e religiosas por estarem aqui conosco, hoje. Estamos honrados e nos sentimos encorajados em nosso trabalho, por seu interesse e pela sua presença.

Para aqueles que não estão familiarizados com a AIC, gostaria de descrever, resumidamente, a nossa Associação.

Em termos geográficos: AIC é, fundamentalmente, uma Organização Não Governamental, feminina, (ONG), cujos objetivos específicos são o de combater todas as formas de pobreza e injustiça e o de identificar as suas causas. AIC tem aproximadamente 250.000 voluntários em 51 países. Esses voluntários trabalham, exclusivamente, como grupos; respondem pelas necessidades de suas próprias comunidades.

AIC, que significa “Associação Internacional de Caridades”, foi fundada por São Vicente de Paula, que organizou e praticou o “trabalho social”, antes que tal trabalho fosse reconhecido como um serviço público organizado. Inspirado em nosso fundador, o trabalho da AIC é motivado por um caráter evangélico.

O tipo de trabalho desenvolvido pela AIC é determinado pelo nosso lema “Trabalhando em Conjunto Contra a Pobreza”. As características de nosso trabalho são as seguintes:

- Uma relação pessoal com aqueles que vivem na pobreza, caminhando com eles em suas jornadas em direção à auto-ajuda e autonomia.
- Trabalhar lado a lado com aquele que ajudamos, através de projetos integrados à vida real, situações locais.
- Trabalhar em grupos de trabalho e juntamente, com órgãos públicos – porquê acreditamos que todas as pessoas na sociedade têm a responsabilidade de agir para melhorar a sociedade em que vivem.

A dimensão internacional da AIC é demonstrada na conexão entre todos os grupos da AIC, em 51 países, o que forma uma rede mundial que luta contra a pobreza. AIC é reconhecida e representada por muitos corpos internacionais, tais como: Conselho Econômico e Social, União Européia, Conselho da Europa e UNESCO. AIC também trabalha com várias redes internacionais e tudo isso contribui para a eficácia de nossos esforços comunitários.

Em 1971, as “Caridades”, então trabalhando em 20 países e sob a direção da Primeira Dama Francesa, tornou-se Internacional e recebeu o nome de AIC, Associação Internacional de Caridades, fundada por São Vicente de Paula.

Desde então, o número de Organizações da AIC cresceu e em 2007, temos 51. As voluntárias da AIC trabalharam em 2007 53.998.856 horas e para este Encontro, identificamos 16.337 projetos.

Em 2006, celebramos nosso 35º aniversário desse movimento em sua esfera internacional. Publicamos uma edição nova e atualizada do nosso Livreto, que foca particularmente no treinamento. O Livreto se baseia nos princípios básicos de nossa missão e de nosso trabalho.

Esse Encontro, que inauguramos hoje, é intitulado:

AIC 2007: Mulheres e Pobreza – Diversidade de Culturas

Uma presença local e permanente é um dos princípios básicos do trabalho de São Vicente. É também um aspecto indiscutível do trabalho que desenvolvemos. Esta presença cuidadosa nos permite vivenciar a pobreza como um fenômeno feminino, em sua forma mais íntima. A pobreza não afeta apenas as mulheres, mas a sociedade em geral.

A UNDP (União Nacional de Desenvolvimento do Programa) reporta que 1.3 bilhão de pessoas hoje vive em pobreza extrema. Desse total:

- 70% são mulheres
- 66% dos adultos analfabetos são mulheres
- 66% das crianças que não vão à escola são meninas

Quando trabalham na zona rural, produzem metade da comida mundial, mas possuem menos de 1% das terras cultivadas no mundo.

Mulheres e meninas fazem 66% do trabalho, mas recebem apenas 10% da renda gerada.

Em muitos países, as mulheres não têm o direito de possuir uma propriedade e não podem pedir dinheiro emprestado.

O que a AIC faz

Diante de tantas evidências de grave injustiça - geralmente ocasionada por desigualdade, egoísmo e falta de responsabilidade social, nossa exasperação ao invés de ser sufocada por indignação e negatividade, é manifestada em termos de ação e planejamento. Não assumimos uma atitude teórica e intelectual, mas sim um papel participante e construtivo. Essa abordagem favorece uma ação mais efetiva em relação às mulheres nesse estado de severa pobreza. Este trabalho inicial tem sido seguido e expandido, graças aos seminários do Internacional, Nacional e Regional e também aos numerosos documentos temáticos, oficinas e livretos de treinamento.

Desde 1997, a AIC se envolveu em combater a violência contra as mulheres:

Como parte da comunidade local temos nos tornado cada vez mais informados sobre as causas e efeitos da violência contra a mulher. Temos também nos conscientizado sobre este problema e freqüentado muitas reuniões e discussões em arenas civis, governamentais e internacionais – todas na causa para combater a violência contra as mulheres.

Ao mesmo tempo, iniciamos vários tipos de ações – tanto positivas como também protestos e denúncias:

Muitos **projetos** envolvendo a prevenção da violência, assim como apoiando e cuidando das vítimas.

Treinamento e conscientização dos problemas para nossos voluntários.

Uma Campanha Internacional focada na violência contra as mulheres: isso foi proposto pela AIC e foi seguido por muitas Associações nacionais o que instigou uma prevenção significativa e programas de conscientização.

A redação e **adoção do “Manifesto contra a violência contra as mulheres”** que foi amplamente distribuído e seu objetivo em fazer a sociedade consciente do problema e denunciar a violência institucional contra as mulheres.

Eventos anuais em todo o mundo em 25 de Novembro, o Dia Internacional da Erradicação da Violência. Demonstrações públicas e várias ações denunciando a violência, todas com o objetivo de expressar publicamente nossa oposição ao vil tratamento dado às mulheres e também à injustiça e discriminação.

A criação do Prêmio Ms Jean Delva com o propósito de encorajar voluntários e apoiá-los financeiramente em seus esforços para combater a violência, através de projetos inovadores.

O lançamento do **tema “Mulheres e Pobreza”, comum** para todas as organizações da AIC. Todo membro da nossa Associação foi convidado a transmitir essa mensagem às instituições e a todas as reuniões das quais participamos. Essa medida tem o objetivo de chamar a atenção da sociedade para a feminilização da pobreza e exercer pressão em instâncias particulares e em corpos nacionais e internacionais. É esperado que essas medidas promovam responsabilidade social para ajudar as mulheres que são pobres.

A Assembléia Internacional – “Mulheres e Pobreza de um lado e diversidade cultural do outro”, tema com o qual iniciamos o dia de hoje, é outro compromisso ligado ao tema da pobreza entre as mulheres.

Nossas ações e nossos projetos são adaptadas, e resultado, das diferenças culturais que constituem a natureza internacional da AIC. Como uma associação internacional, nós estamos profundamente conscientes da necessidade de se entender em que extensão e em que circunstâncias os valores, tradições e instituições culturais da sociedade influenciam os papéis tanto dos homens quanto das mulheres e, conseqüentemente, são responsáveis por ou exacerbaram, a extensão da pobreza entre mulheres.

Uma pesquisa foi conduzida e o questionário foi distribuído para cada associação da AIC sendo que a primeira remessa da literatura preparatória produziu algumas respostas extremamente interessantes que nós estamos usando para preparar esse Encontro. Um grande “Obrigada” a todos vocês que devolveram os questionários respondidos. Os comentários que se seguem foram baseados nas **respostas de vocês**:

- Concordância no que causa a pobreza entre as mulheres
- verdadeiro trabalho feito com as mulheres em nossas associações
- Trabalho a ser feito no futuro

Especificamente em conexão com **o que causa a pobreza em que as mulheres vivem**, chegou-se à conclusão que:

Para aquelas mulheres que vivem em pobreza extrema, o fato de serem mulheres é um fator que contribui; a desvalorização da mulher é universalmente reconhecida.

Desde o nascimento, as mulheres são menos valorizadas que os homens; elas tem menos acesso à educação e, sendo assim, não estão cientes de seus direitos.

As mulheres são mais freqüentemente destinadas a viver só no ambiente familiar, cuidando das crianças e fazendo tarefas domésticas. Elas são muito expostas às dificuldades desse tipo de trabalho: violência, maus tratos, casamentos forçados, abandono por parte do seu parceiro, gravidez na adolescência e maternidade solteira. No caso de mulheres imigrantes ou indígenas, há também o problema de discriminação racial e aceitação social.

Como conseqüência de todos os fatores acima, as mulheres se sentem inferiores e tem baixa auto estima. Há uma atitude fatalista, “tem sido sempre assim”. Há também um cansaço moral e físico, o que pode levar à dependência ao álcool e drogas, e também à prostituição.

Vocês também apresentaram as respostas locais de nossas associações da AIC

Neste Encontro, vocês terão a oportunidade de ouvir várias experiências. Vocês também podem olhar os Painéis Culturais para obter e trocar idéias, então, por isso, não darei exemplos específicos aqui. Apenas apontarei as duas maiores tendências que podem ser encontradas nos projetos da AIC.

A instituição de locais de reunião e facilidades de diálogo, apoio pessoal para que as mulheres percebam que não estão sozinhas, que podem desenvolver seus talentos pessoais. Também há a provisão para treinamento em gestão de famílias, educação, alfabetização, facilidades de pequenos empréstimos e construção da auto estima.

Muitos programas educacionais foram criados para permitir: que meninas mais jovens completem a educação primária, que adolescentes e mulheres com dificuldades recebam algum tipo de treinamento (tanto profissional quanto alfabetização. A Educação é considerada um pré-requisito necessário para um estilo de vida melhor.).

Vocês também apontaram algumas novas medidas que devem ser implantadas no futuro:

No âmbito nacional, há a necessidade da reforma das leis, para que haja programas de educação gratuita ou que os programas de treinamento sejam amplamente disponíveis. Num estágio mais avançado, que você saiba o trabalho que está sendo feito pelos seus representantes em várias organizações internacionais.

A necessidade de se encorajar que os homens e toda a sociedade participem de um processo de mudança, o que significa escola para os pais e programas educacionais para os jovens. Alguns países já caminham nessa direção.

A necessidade de fazer com que o público esteja ciente, da importância da mídia de todas as formas e o significativo papel que ela desempenha.

Esse quatro dias de trabalho nos permitirá desenvolver as suas sugestões, ter novas idéias e trocar experiências e métodos de trabalho, desse modo direcionando o trabalho da AIC nos próximos anos.

Estamos todos envolvidos nesse tópico – até os grupos da AIC que não estão diretamente ligados no trabalho com mulheres e aqueles que não acham que esse trabalho seja importante. Nossas conclusões e nosso pensamento, assim como as declarações oficiais de organizações maiores como a União Européia – todos concordam que a feminilização da pobreza, afeta diretamente toda a sociedade. Inversamente, dar às mulheres a oportunidade de serem livres, a desenvolver seus talentos e os exercitar, promove um progresso mais rápido e profundo, no que concerne a batalha contra a pobreza.

Sabemos que no contexto sócio-econômico em que vivemos, o desenvolvimento de um país só é alcançado com a efetiva participação das mulheres. Participação que atuará como uma plataforma para a promoção de si mesma e o aumento do poder dessas mulheres. Qualquer pessoa, homem ou mulher, tem um papel específico na sociedade, cada um tem seu próprio carisma e todos devem agir em conjunto, em prol do bem comum.

Não é simplesmente uma questão de qualidade, é uma estratégia fundamental no combate à pobreza e a realização dos objetivos do Milênio. A sociedade não pode ser privada da força e da inteligência que a mulher pode trazer à causa do bem comum.

Estamos convencidos que se as considerações culturais são freqüente causas de pobreza, elas também podem se tornar desafios. Durante esta conferência, nós nos comprometemos a encontrar caminhos onde culturas serão pontos de partida para um desenvolvimento duradouro.

Nosso lema: “Contra a pobreza, agindo conjuntamente”, nos encoraja a motivar todas as forças existentes na sociedade para colaborar na devolução às mulheres de tudo o que elas merecem em termos de respeito e dignidade.

É um desafio assustador. Mas os desafios são um ingrediente importante do nosso comprometimento como voluntários; eles mantêm a nossa dedicação viva, reforçam os nossos desejos e provocam um entusiasmo renovado no nosso dia a dia.

Começemos os trabalhos da nossa Assembléia com esse espírito.

CULTURA, DESENVOLVIMENTO E DIGNIDADE DO SER HUMANO

Thierry Verhelst

I- Uma ferramenta para determinar a noção de cultura

1. Uma tentativa de definir cultura

Há uma ampla aceitação da cultura. É essa ampla aceitação que as pessoas deveriam ter em mente quando falar sobre cultura, em relação ao desenvolvimento ou em conexão com cidadania e democracia.

“Cultura é um complexo leque de recursos que são herdados, adotados ou inventados pela sociedade humana, para ajudar no enfrentamento dos desafios de seus ambientes”.

2. Cultura, um leque complexo.

Cultura é um “leque complexo” ou conjunto, que forma uma rede infindável, um todo que é indissolúvel.

2.1. A Dimensão Simbólica

Qualquer cultura é feita de cosmologia, religião, espiritualidade, comprometermos morais, traços psicológicos, arquétipos, lendas e provérbios, mitos e símbolos... Nós não estamos sempre conscientes dessa dimensão da nossa cultura, uma vez que é parte integrante da nossa identidade. Além disso, é substancialmente imaterial, invisível e impossível de se quantificar. No entanto, esse universo simbólico em que vivemos, tem profunda influência em como vemos as coisas e em como agimos. Essa dimensão é freqüentemente enterrada bem fundo, e algumas vezes até invisível. Não é, entretanto, menos tenaz ou resistente à mudanças que o mundo de fora constantemente nos impõe.

2.2. A Dimensão Social

Os vários modos com que as pessoas se organizam em uma sociedade constituem uma significativa parte de suas culturas.

2.3. A Dimensão Técnica

Toda comunidade tem a seu dispor, conhecimento, experiência prática e know-how.

2.4. Atividades artísticas e expressão cultural também poderiam ser citadas como uma quarta dimensão ou componente, mesmo que, de fato, elas estejam presentes nas três dimensões anteriores.

2.5. Essas Dimensões São Apenas ‘Aide Memoire’

Cultura é uma teia infindável, um todo, feito das várias dimensões descritas acima: todas em tudo. É, entretanto, incorreto, dividir a cultura de uma sociedade em “várias dimensões” como se elas pudessem ser tratadas separadamente.

3. Herança, Adoção, Invenção.

Sociedades humanas herdam, adotam e inventam suas culturas. Desse modo, a cultura está presente tanto quanto herança como quanta visão.

3.1. Herdar

A cultura é em parte, herdada. É nutrida pelo passado. É, no entanto, em parte, feita de uma herança, um patrimônio legado por gerações passadas.

3.2. Adotar

Durante o curso de sua história, toda sociedade tem adotado elementos culturais, que, no começo eram estranhos a eles. Na verdade, todas as sociedades estão sujeitas a uma vasta quantidade de influências exteriores, tais como, idéias, imagens, objetos, técnicas, etc. Essa mistura é um elemento positivo e tem ajudado a humanidade a progredir. Por outro lado, uma cultura que é fechada em si mesma, corre o perigo de se tornar lenta.

No entanto, deve haver um mínimo de equilíbrio entre as muitas contribuições externas e a própria identidade da sociedade, senão corre o risco de cair sob o peso das influências externas.

3.3. Inventar

O terceiro verbo na nossa definição é “inventar”. Na verdade, a cultura é autogerada, inventada, criada. E esse processo criativo é contínuo, uma vez que a cultura esteja viva. Extrai-se daí que nenhuma cultura é estática ou imóvel. Toda sociedade viva cria e evolui.

4. Cultura, uma fonte de soluções para desafios.

Quando falamos de cultura como um recurso para enfrentar os desafios, um deles é lembrado como a inventividade humana em encontrar soluções para problemas, ou viver de acordo com as aspirações. Todo grupo humano é confrontado por desafios e dá a si mesmo meios para encará-los. A sua cultura é a força motora, uma fonte de dinamismo, que aborda todos os aspectos da vida, tanto pessoal quanto coletivo.

II. As funções sociais da cultura

1. A importância da cultura

Já enfatizamos anteriormente, os papéis fundamentais da cultura, que é conviver com os desafios com os quais somos confrontados. Mas é necessário saber, mais precisamente, qual o propósito da cultura, se embarcar em uma atividade cultural ou apoiar um projeto cultural. Em outras palavras, quais são as funções sociais da cultura? Elas são muitas e importantes.

1.1. Auto-estima

Uma auto-estima saudável é condição primordial para qualquer realização, pessoal ou coletiva. O ser humano se torna inerte e sem voz ativa, tanto figurativamente quanto literalmente, se não tiver o mínimo de conscientização do valor de suas próprias capacidades e se não tiver uma confiança serena em seus próprios meios e recursos.

1.2. A capacidade de escolher

É extremamente importante para qualquer sociedade, o desenvolvimento da capacidade de escolher entre contribuições herdadas do passado e contribuições de influências externas, e fazer a escolha adequada.

Na verdade, tudo no passado de uma sociedade não é necessariamente útil ou positivo. Uma cultura saudável é aquela capaz de fazer escolhas entre o patrimônio herdado de seus ancestrais.

Como as contribuições externas, estamos sempre sendo bombardeados por influências externas, seja na forma de imagens, técnicas ou costumes diversos. Claro que devemos ser abertos, mas só de tal maneira que tal abertura leve ao enriquecimento e não seja menosprezada. Demos saber como escolher. Toda sociedade deve ser capaz de escolher livremente o que julga ser bom e útil e rejeitar o que é superficial ou prejudicial.

1.3. Resistência

Seguindo o que já foi mencionado acima, um componente essencial no desenvolvimento harmonioso de qualquer sociedade, é ser capaz de resistir a tudo que é imposto por fora, que é considerado prejudicial e inaceitável. Feito isso, é necessário ter uma estratégia para resistência. Senão o equilíbrio do poder pode rapidamente se transformar em invasão, seguida de uma aceitação passiva e inconsciente do que não foi desejado.

1.4. Dar algum significado

Dar significado ao que fazemos é vital. O desenvolvimento deve ter um significado. Em todo processo de mudança social, transformação econômica, é necessária seguir um rumo se não quiser ser levado por acontecimentos e pressões e chegue aonde não queriam chegar. É vital dar a si mesmo uma direção, ter seus próprios pontos de referência e evitar a desorientação. Em todos os momentos, a vida deve ter um sentido para todos nós.

No cerne do significado há a espiritualidade. Para os muitos povos do Sul que ainda não estão “desencantados” com o materialismo e o hiper-secular racionalismo do Oeste, o significado do que é sagrado é uma fonte de força e alegria. É o que Jean Ziegler observou, com surpresa: “A vitória dos oprimidos!” São eles que possuem a alegria e nós, a tristeza.

III. MUITOS AVISOS

1. Regular concepções simplistas

O que emerge dessa definição de cultura é que é importante ir além de um número de concepções simplistas. Devemos tanto evitar um apego ao passado e uma representação idealista que pode levar à segregação, à excessos utópicos e deterministas ou, por último, em generalizações exageradas.

1.1. Apego ao passado - idealização-segregação

Dentre as concepções simplistas que devemos deixar para trás, está a que consiste em associar cultura exclusivamente com o passado, após o ter super valorizado. Uma parte substancial do passado pertence definitivamente ao passado e, além disso, não era completamente ideal, ou não ideal para todos.

Se devemos estar cientes do fundamentalismo, devemos ser “fundamentais” na procura da identidade, autenticidade e espiritualidade.

1.2. Utopia idealista e determinismo materialista

Um perigo a ser evitado em se tratando de cultura, é ter um papel errado na sociedade. Não devemos nem dar a ela um papel totalitário e “absoluto”, como se tudo determinasse, nem devemos reduzi-la ao patamar de fenômeno acidental.

Capítulo 2

Culturas, causas da pobreza ou um impulso para a mudança?

ESBOÇO DO SEMINÁRIO

Uca Agullo

Ontem debatemos o conceito de cultura, tanto um obstáculo quanto uma força motivadora para o desenvolvimento das mulheres; começamos, examinando muitas situações concretas de pobreza. Esta manhã continuaremos com experiências posteriores, sobre a pobreza entre as mulheres, elas mesmas trabalhadoras voluntárias da AIC; tudo isso, juntamente com a palestra de Thierry Verhelst, nos dará uma boa base para trabalharmos em grupos sobre os relacionamentos existentes não apenas entre a pobreza das mulheres e alguns aspectos da cultura, mas também entre a fraqueza e riqueza da nossa própria cultura (a cultura de todos nós).

Durante a tarde daremos um passo adiante, quando apresentaremos as experiências positivas das pessoas que conseguiram transformar suas situações , provando , então, que a mudança é possível. A sessão de trabalho hoje é um tipo de painel. Entretanto, não assistiremos a todos os discursos em duas horas, sentados em volta de uma mesa, mas sim em várias ocasiões durante o dia. Em um desses discursos, Bogaltech Ghebre explicará como uma cultura tradicional pode evoluir. Cada uma das experiências apresentadas durante o dia devem ser consideradas como parte constituinte do Plenário, que será concluído com um debate final, dessa vez em volta à mesa, com a participação de todos que contribuíram durante o dia.

APRESENTAÇÃO DA EXPOSIÇÃO DOS ESPAÇOS CULTURAIS

Laurence de la Brosse

A exposição nos espaços culturais acontecerá em duas noites consecutivas, baseadas no tema da Assembléia: “Mulheres e pobreza na diversidade cultural”

Essa exposição tem dois objetivos:

- Abrir nossas mentes a culturas de diversos continentes. Cada continente escolhe o tema que o melhor caracteriza.
- Nos conscientizar das situações de pobreza nas quais as mulheres vivem e as ações tomadas pela AIC e pelos governos dos países envolvidos.
- Promover intercâmbios entre voluntários, e assim permitindo que se tornem mais conscientes, ter novas idéias e trocar endereços.

Cada delegação trabalhou bastante para apresentar o seu continente da melhor forma possível, descrevendo o seu estado de pobreza, e a maneira com que respondemos a isso. Os 800m2 de espaço para a exposição permitirá que os 300 participantes se movam “de um continente a outro”, em uma atmosfera festiva.

Em breve essas informações poderão ser acessadas em nosso site na Internet..

SITUAÇÃO DE POBREZA VIVIDA PELAS MULHERES

Testemunho de Rose N'tumba , presidente da AIC – Congo

Meu coração está repleto de alegria enquanto dou a minha modesta contribuição a essa Assembléia Geral, “Mulheres e pobreza através das culturas”, sobre a situação de mulheres que perderam seus maridos. Gostaria também de pedir que refletissem sobre como podemos ajudar essas viúvas a refazer suas vidas, não como uma tarefa cara, mas como designado pelo desejo de Deus.

Minhas colocações serão baseadas em três situações típicas nas vidas das mulheres. A primeira é o período de convívio que a mulher tem com seu amado esposo. A segunda é a fase em que a mulher se descobre tanto mãe quanto pai de família. A terceira e última situação é como um final, onde a viúva descobre uma solução para seguir a sua vida.

1. Homem e Mulher vivendo juntos

A vida para um homem vivendo com sua esposa é tanto um momento feliz quanto difícil. Em uma situação familiar, no entanto, o homem e a mulher geralmente enfrentam os problemas juntos. A família tem fundações no homem e mulher trabalhando juntos. A prioridade imediata do casal é a educação de seus filhos, juntam, ente com a alimentação. Essa é a missão de todas as famílias. A família é uma unidade básica, em uma entidade cujos objetivos principais são a paz, como um agente agregador e o desejo de um ambiente enriquecedor.

2. Viuvez

A vida como viúva é diferente da vida junto ao marido. A mulher vive uma nova experiência. Ela é confrontada com a dura realidade de estar sozinha e encarar as muitas necessidades da família. Esta é uma carga que era dividida com seu marido, mas que agora ela deve encarar sozinha.

Quando o homem morre, a mulher é sem dúvida, violada. Ela se encontra sofrendo em um ambiente que não lhe é familiar. Ela se encontra destituída de tudo que, junto com o seu marido e familiares construíram. A divisão é unilateral. Tenho aprendido, na minha limitada experiência, que casamento não é apenas uma questão entre duas pessoas. São duas famílias –e até dois clãs – que guiam a união do casal.

Quando o homem morre, a mulher dá contas de todos os bens do marido à família do mesmo. Ela então, juntamente com seus filhos, é desligada do seu domicílio. É o começo de uma nova vida para ela. A mãe volta à casa dos pais com pesar. Ela está abalada psicologicamente. Está desmoralizada, tem pouco a dizer e está dedicada à batalha da sobrevivência. A sobrevivência é prioridade onde antes estavam a alimentação e educação. As crianças sempre se separam de suas famílias imediatas. Elas encaram um novo estilo de vida, totalmente diferente. Geralmente deixam a escola por falta de recursos. Vivem em circunstâncias desesperadoras. Sem educação, vivem nas ruas. Logo estão envolvidos em meios indesejáveis. Estão, obviamente, desorientados e longe de seu ambiente.

Olhemos agora para a situação da viúva. No seu dia a dia, a viúva que tem filhos adultos é sustentada por eles. Eles cuidam dela em todos os aspectos. Mas a viúva que não tem esse amparo carregam um duplo fardo: cuidar de si mesma e das crianças pequenas; ela vive em um mundo diferente.

Minha última palavra é um apelo do coração a vocês, humanitários aqui presentes, cujo papel é considerar os objetivos do Estatuto Internacional da AIC:

- 1) Combater a injustiça
- 2) Lutar pelas causas das mulheres
- 3) Lutar contra as desigualdades sociais.

As mulheres devem ser vistas genuinamente com uma nova luz, ter um sistema de amparo apropriado e ser tratadas igualmente como os homens. Que esta seja a nova diretriz para a valorização das mulheres: a palavra é igualdade. Obrigada.

Testemunho da Presidente da AIC –Nigéria - Senhora Nkiru Anoru

Essa é a história de uma senhora, Ângela Ugwu (nome fictício), uma viúva de uma vila rural no estado de Enugu, na Nigéria, África. Ela tem cinco filhos, dos quais três são meninas e dois, meninos. Dois dos filhos estudam na Universidade, dois estão na escola secundária e um na escola primária. Ela tem quatro cunhados e cinco cunhadas. Ela mora com a família em um cômodo na casa do cunhado, na vila.

O marido, o Sr. John Ugwu (nome fictício) morreu após uma prolongada doença - diabetes. A Sra. Ângela vivia muito feliz com seu marido e filhos, antes de sua morte. Durante a doença de seu marido, ela sofreu muito com os desafios de cuidar do marido que era o provedor da casa, e também em cuidar dos filhos que ainda estavam na escola.

Quando seu marido faleceu, os parentes de seu marido a acomodaram em um canto da cozinha onde ela recebia folhas de bananeiras para improvisar um colchão e dormir sobre elas. Ela vestia andrajos, como uma mulher insana. Comia com as mãos sem lavá-las. Era tratada como se não fosse um ser humano. Tudo isso era feito para culpá-la pela morte do marido. Ainda pior, Ângela foi forçada a beber a água usada para banhar o corpo de seu falecido marido, de acordo com os costumes de sua terra. Quando nós, Senhoras de Caridade da AIC, intervimos, fomos informadas de que eram seus costumes e tradições. No entanto, não desistimos, mas ao invés disso, não a encorajamos a beber aquela água suja, e seus cunhados e cunhadas, se sentidas lesados, relutantemente concordaram. Mais tarde ela foi também comunicada que não possuía nenhum direito em nenhuma das propriedades do marido, uma vez que, de acordo com seus cunhados, uma propriedade não pode possuir outra propriedade. E a mulher é propriedade de seu marido.

No dia do funeral, ela ainda continuou em seu pequeno canto da cozinha, sentada nas folhas de bananeiras, sem poder se mexer ou sair. Ela continuou confinada e não podia descansar, a não ser muito tarde da noite. Ela tinha um prato, que nunca era lavado, onde costumava comer o que traziam para ela. Ângela permaneceu nessa situação por nove semanas nativas, o que equivale a trinta e seis dias. Depois, seu cabelo foi completamente raspado, ela pôde tomar um banho e vestiu roupas de luto, pretas, no clima quente e úmido da Nigéria. Ela vestiu luto, com acessórios também pretos, por um ano.

Testemunho de Mariana Dobrianska – Voluntária da AIC em Bukovina – AIC Ucrânia

(Juntamente com Thérèse Nguyen, Presidente da AIC do Vietnã e Anna Kovachova, Presidente da AIC da Eslováquia).

Quando visitamos Maria Iwanowna, ela tinha 86 anos de idade. Ela tinha quebrado uma perna e porquê não tinha dinheiro, não pôde consultar um médico – então seus ossos se colaram irregularmente. Como resultado, ela não pode nem andar ou sentar. Ela está presa à cama e sofre muito com as feridas abertas em suas pernas. Seu marido foi morto na guerra e seu filho morreu há muito tempo. Ela mora sozinha em uma pequena cabana construída com pedaços de madeira. Maria Kwanowna trabalhou como motorista de trator em uma grande “Kolkhoze” (fazenda comunitária). De seus tempos como trabalhadora, ela tem uma medalha, a foto de uma mulher orgulhosa em seu trator – e também uma terrível dor nas costas e uma pensão ínfima.

Até hoje, em países pós-comunistas, as únicas pessoas que valem são aquelas úteis à sociedade, e isto não inclui as pessoas doentes, com deficiências e os idosos.

No entanto, os homens geralmente recebem uma pensão adicional por seus serviços como militar, mas há cada vez menos deles, devido às conseqüências da guerra e uso abusivo do álcool. (a expectativa de vida para os homens ucranianos em contraste com homens de outros países europeus tem decrescido durante os últimos anos, e agora é de 61.2 anos de idade). Então são as mulheres mais velhas que são relegadas a viver na pobreza – graças a uma cultura onde a experiência de vida, o trabalho duro e a dignidade dos mais fracos nada valem e onde as mulheres mais velhas são consideradas inúteis. A renda magra mal dá para providenciar pão, batatas, um pouco de repolho, um ovo. É impossível para elas comprar um par de sapatos ou um casaco novo - itens absolutamente necessários para os longos e penosos invernos; elas não podem comprar lenha para suas fogueiras ou pagar consultas com médicos. As famílias são dilaceradas, os jovens geralmente trabalham onde encontram um emprego ou então eles emigram. As famílias em si são pobres e as avós ajudam no pouco que podem dar.

É por isso, que após uma vida de trabalho duro, elas são encontradas mendigando nos centros, nas estações de metrô. Algumas vezes elas tentam vender toalhas de mesa, algumas flores, uma porção de cebolas ou suas últimas e pequenas posses. No campo elas sobrevivem com poucas galinhas e um jardim, enquanto ainda desfrutam de boa saúde. Quando ficam doentes, não há esperança. As casas das pessoas idosas nas cidades são horríveis, na área rural são poucas e distantes umas das outras. Não há tratamento médico – a não ser que alguma delas tenha a sorte de morar perto de um grupo Filhas de Caridade, da AIC. No caso de Maria Iwanowna, suas feridas estão, ao menos, sendo tratadas e ela tem comida quente para comer. Ela não reclama, agradece a seus “anjos” – voluntárias e Irmãs. Ela fica feliz quando a visitamos porquê adora conversar com pessoas, de contar sua história de vida – uma pequena diversão nos longos dias que passa rezando.

Ela perdeu tudo, sua família e saúde, a dependência física e financeira, mas ainda possui a sua dignidade. Entretanto, a sociedade e o governo esqueceram Maria Iwanowna e também de milhões de outras mulheres idosas nos países pós-comunistas..

Testemunho de Martine Hawoua e Jeanne D'arc Zazou-AIC República dos Camarões

(juntamente com Sumaia Sabade, Presidente da AIC Brasil).

Há vinte anos a República dos Camarões tem enfrentado uma grave crise econômica. O poder de compra da população tem decrescido severamente; muitos trabalhadores perderam seus empregos, porque empresas estatais deixaram de funcionar; os jovens estão desempregados. As conseqüências são desastrosas para toda a sociedade (divórcio, sair de casa, irresponsabilidade). O alto índice de mortalidade, especialmente de homens, deixa muitas viúvas sós. A mulher se torna chefe de família, encarregada de todas as responsabilidades subseqüentes. O homem se sai de casa, abandona as suas responsabilidades. Ele não ganha mais dinheiro, no plantio de algodão porque não apenas os custos da produção são muito altos, mas os preços do algodão são muito baixos no mercado internacional.

A mulher que, cuidava da alimentação da família, agora está sozinha para assumir todas as responsabilidades familiares. O clima não a favorece e ela também precisa de energia e sementes selecionadas, as quais ela não pode comprar. Plantações de grãos, como o milho são pobres devido ao índice pluviométrico; plantações com ciclos menores tem de se adaptar à nova situação. É uma luta atender todas as necessidades da família (mandar as crianças à escola alimentá-las, vesti-las e cuidar delas).

Além de tudo isso, a mulher sofre várias práticas discriminatórias: poligamia, rituais de viuvez desumanos, **levirat** (casar-se com o cunhado, irmão do falecido esposo), casamento forçado, analfabetismo, abandono precoce dos estudos, condições de trabalho difíceis, maternidade precoce, doenças, AIDS, nenhum direito de possuir terras – e todas as conseqüências de tudo isso. A mulher é muito mais discriminada que o homem. Sistemas financeiros que favoreçam as mulheres são quase inexistentes e se existem elas não conseguem arcar com todas as complicações. É muito difícil para elas arcar com a educação das crianças sozinhas; as crianças logo abandonam a escola para se manterem. Isto resulta em delinqüência, desabrigo, gravidez não desejada, AIDs e todos os tipos de problemas – principalmente nas regiões do país onde a proliferação de doenças é acentuada pela poligamia, rapto de mulheres, **levirat** e **sororat** (casar-se com a cunhada, irmã da falecida esposa). Como exemplo, Martine Hawoua descreverá um caso individual sobre AIDS e pobreza. Um respeito senhor da classe alta, casado com duas mulheres, pai de sete filhos, estava vivendo com uma terceira mulher, gerente de um bar. Ele não tentou esconder a situação e todos sabiam – até suas esposas.

Após alguns anos, essa terceira mulher ficou gravemente doente e morreu meses depois. Uma de suas esposas, também ficou doente e morreu vítima de tuberculose deixando quatro filhos para serem criados pela outra esposa. Nesse meio tempo, o marido infiel se mudou com outra mulher, a quarta. O filho mais jovem da segunda esposa morreu vítima de grave desnutrição, aproximadamente seis meses após sua mãe. O pai então começou a mostrar sintomas como diarréia intermitente, febre e tosse. Ele foi levado ao hospital onde o aconselharam a fazer um teste de AIDS – o que ele recusou. O teste, entretanto, foi feito sem que ele soubesse. A dificuldade então era de lhe dar o resultado do teste e fazê-lo iniciar o tratamento.

Ele mesmo se deu alta do hospital e foi se tratar com um curandeiro - foi trazido para casa em uma maca. Voltou então ao hospital onde teve que aceitar a sua dura realidade. Mas era muito tarde para que o tratamento desse certo. Ele morreu pouco tempo depois.

Josephine, a infeliz e desempregada mulher que esteve ao seu lado durante todo o ano de sua doença, se tornou viúva e mãe de seis crianças. Ela estava ainda de luto quando a família de seu falecido esposo lhe tomou tudo de casa, até os lençóis.

A mulher ficou emocionalmente arrasada. A família do marido a acusou de lhe ter transmitido a AIDS e a acusou de ser responsável pela morte do marido.

Josephine, cidadã nigeriana, quis voltar a viver com sua família, mas as crianças eram um problema. Ela não tinha documentos, então não podia requerer uma pensão.

A sua situação continuou a piorar e ela ficou doente. As Voluntárias souberam de seu problema e então ela pôde contar com apoio médico e a comida foi doada por uma associação para pessoas infectadas. Ela também recebeu apoio espiritual de uma congregação religiosa e seus filhos receberam hospedagem e educação garantidas por uma ONG.

Esforços tem sido feitos para assegurar a sua pensão e uma voluntária fica ao seu lado durante o tratamento. Ainda não há contato com a família de seu marido.

Testemunho de Marie France ROCH – AIC França

(juntamente com Ligia Ferrández de Cámara – AIC México)

Elodie tem 25 anos de idade, é uma cabeleireira experiente e trabalha em Lyon. Sua mãe vem de uma família muito modesta e não tem condições de tê-la em casa.

Elodie se apaixonou por um bonito homem que tem um carro bom e está aparentemente bem de vida. Ela ficou completamente boba (assim como nas novelas) e viajou com ele para o Sul da França, onde ele é o dono de uma casa noturna. Ela ficou fascinada pelo novo estilo de vida e pelo dinheiro fácil.

Logo ela teve um filho com ele. Ele então se tornou violento e negligenciava o bebê. Ela não teve outra escolha senão abandoná-lo e moveu uma ação contra ele, para proteger seu filho. Ela obteve a custódia do bebê.

Uma atitude de vida mais liberal e um amor fácil e egoísta induz os jovens a deixar suas famílias muito cedo e viver com companheiros a quem conhecem muito pouco. Então vêm um bebê – e sem nenhuma perspectiva para o futuro. Para o homem, o bebê e a esposa são “bens” seus; a mulher serve, simplesmente, para lhe dar prazer.

Elodie então não tinha onde morar, trabalhar e sem nenhum recurso. Ela era uma mãe solteira e isso dificultava muito encontrar um trabalho. Sem trabalho fixo, ela fez vários “bicos” e morou em diferentes hospedarias – em lugares onde os senhorios, em locais à beira mar, fecham seus apartamentos em Maio para então triplicar o aluguel.

Essa é uma região turística; o alto custo do aluguel nessas regiões juntamente com a ganância dos senhorios, significa que eles só alugarão seus imóveis durante o inverno. Alguns inquilinos pagarão preços maiores durante o verão para que possam continuar nos apartamentos – o que faz com que eles solicitem subsídios para alimentação do seguro social, uma vez que todo seu dinheiro é gasto com o aluguel.

Elodie contactou “Equipes Saint-Vincent” em Hyères, onde ficou por um ano. Ela reconquistou sua autoconfiança pouco a pouco e começou a ajudar nossas voluntárias, atendendo nas mercearias subsidiadas, limpando, arrumando, etc. “Comecei a me sentir normal de novo e encontrei pessoas que estavam dispostas a me ouvir”.

Graças à “Equipes Saint Vincent” ela encontrou um lugar para morar. Com o apoio deles ela ficou novamente motivada e encontrou um emprego através da CNE que não chocava com as horas de jardim de infância, em uma farmácia, em um grande shopping center. Ela ainda precisava pagar uma babá até as oito horas da noite, todos os dias.

Financeiramente falando, o fim do mês é difícil para ela. Ela vai a mercearia subsidiada, na última semana de cada mês. Ela agora é independente, mas espera descobrir se o seu contrato será definitivo, o que garantiria o seu futuro.

Forças de mercado e “liberdade” para os jovens, significa que muitas mulheres jovens estão sozinhas, sem família ou marido. Elas podem ser responsáveis por uma criança ou várias, algumas de pais diferentes.

Os centros voluntários de São Vicente são, portanto, lugares onde os jovens podem se encontrar, obter apoio moral e coragem para lutar ao invés de se desesperar.

Elodie diz “Eu sinto que não estou sozinha”

AIC – República Dominicana, por Alta Gracia de Vargas.

(juntamente com Isabel Salvador Mabasso, da AIC de Moçambique.)

Escrevo para compartilhar com vocês a minha entrada nesta família, que é a sua associação. Primeiramente, gostaria de falar um pouco sobre mim. Meu nome é Wendy Esther González, tenho 32 anos de idade e quatro filhos. Casei-me aos 17 anos, e tive meu primeiro filho aos 19. Quando casei, tive que deixar a escola, embora fosse talentosa e faltasse apenas um ano para iniciar a universidade.

Nasci e cresci em Simonico, Vila Duarte, no leste de São Domingos. Morava em uma região muito pobre. Não há empregos lá e as mulheres, por não conseguirem trabalhar, negligenciam seus lares e filhos, e gastam o tempo em atividades “proibidas” como jogar cartas ou bingo, apostando o pouco dinheiro que tem – dinheiro esse que, supostamente, seria para manter as contas da casa. O machismo domina na sociedade dominicana, predominantemente nas regiões mais pobres. O resultado disso é que as mulheres são totalmente marginalizadas e dominadas por seus maridos. São economicamente dependentes deles e sujeitas a um tratamento doentio e humilhante. A maioria das mulheres tem muitos filhos, resultado de uma gravidez não desejada, e não possuem meios de proporcionar a essas crianças boa educação e alimentação. Porquê são maltratadas por seus maridos, essas mulheres procuram por outros homens com quem tem outros filhos. Novamente são maltratadas e um ciclo vicioso se inicia, onde tanto as mulheres quanto as crianças são os que saem perdendo. Quando se separam, muitos maridos não dão pensões, para a alimentação de seus filhos.

Um outro flagelo é a prostituição. Uma vez que não há trabalho, e sem perspectivas para o futuro, muitas adolescentes se tornam prostitutas e viciadas em drogas. Nos últimos anos, a falta de recursos econômicos e oportunidades de emprego, causou um aumento no índice de delinquência. É por essa razão que gostaria de poder ajudar meu vizinho – mesmo que eu seja uma mulher que tenha sido maltratada.

Os jovens, assim como as crianças, odeiam estudar e planejar o futuro. A auto estima dessas pessoas é baixa por causa de problemas familiares. Eles vêem os pais brigando, não tem uma alimentação balanceada, vivem em uma situação de miséria, etc. Tanto as crianças quanto os idosos vivem uma situação precária. As crianças tem de cuidar de si mesmas, sem nenhuma ajuda dos pais, vivem nas ruas e são delinquentes. Os idosos são abandonados à própria sorte.

Há oito anos, conheci as Irmãs e comecei a freqüentar as reuniões da Comunidade. (Mais tarde, a minha filha, então com quatro anos de idade, teve a sorte de ir a um café da manhã na “Casita Infantil Margarita Naseau (um centro que fornece alimentação a crianças desnutridas e centro de treinamento em higienização e nutrição, para as mães). Minha filha também freqüentou as aulas. Comecei a ajudar na preparação das refeições na Casita – como uma mãe que também estava ganhando com esse projeto. Comecei a trabalhar também com as Irmãs da AIC de Villa Duarte. Agora estou envolvida na manutenção da Casita, em atividades essenciais como venda de farinha, roupas, etc.) Com o apoio de outras mulheres e de uma Irmã de Caridade, trabalho para melhoria da saúde na região e trabalho com um grupo pastoral envolvido na solução de

problemas de saúde na paróquia. Estou sempre pronta a ajudar as Irmãs quando precisam de mim.

Graças à ajuda que dou às Irmãs, me sinto bem comigo mesma. Elas me encorajaram a continuar meus estudos na escola da Rádio Santa Maria. Essa escola é ao lado da nossa paróquia; as Irmãs de Caridade a dirigem e voluntárias trabalham como professoras. Este ano pretendo continuar os meus estudos e gostaria de estudar Enfermagem.

Devido ao meu envolvimento com as Irmãs na Casita Infantil, por muitos anos, elas me convidaram para ser membro da AIC. Aceitei porque gosto de ajudar as pessoas necessitadas e porque o trabalho que desenvolvemos aqui é muito importante. O apoio que recebi das Irmãs me ajudou a superar uma situação difícil. Superei minhas próprias expectativas e me valorizo como mulher. Estou comprometida a lutar contra as adversidades que enfrentamos aqui. Gostaria de servir de exemplo para meus filhos. Pretendo ser membro da AIC de Vila Duarte assim que possível, assim que complete o período admissionário.

Obrigada pela atenção e agradeço a Deus por ter estado ao meu lado, me feito humilde e ter me dado à oportunidade de colaborar com Ele na ajuda às pessoas mais necessitadas – assim como São Vicente nos ensinou.

Testemunho de Fatimata Ismaghil: a posição das mulheres na sociedade Tuaregue, na Nigéria. (Vídeo)

Meu nome é Fatimata Ismaghil. Sou da Nigéria. Sou Tuaregue

Posse de bens

Em nossa sociedade, as mulheres são encorajadas a ter seu próprio dinheiro. Elas tem os mesmos direitos de posse de bens, que os homens, o direito de escolher seus maridos e de ter sua casa.

Ter minha própria casa é muito importante para mim – ter a sua própria casa lhe dá independência. Independência é baseada principalmente na economia. Quanto maior o seu poder econômico, maior o seu poder de decisão.

Em um casamento, o futuro marido dá um dote. A mãe prepara sua filha e a tenda; esta é a sua futura casa. O jovem esposo se torna parte da família; é ele quem vai morar com a esposa, na tenda dela, na casa dos pais dela.

A educação das crianças

É responsabilidade da mulher educar as crianças. Não tenho preferências entre os meus filhos; meninos e meninas tem as mesmas oportunidades de progredir na vida. As meninas devem ter os mesmos direitos que os meninos. Faço questão que eles saibam que são iguais.

As meninas devem ter a oportunidade de ir à escola – assim elas tem mais chances na vida. Educação deve ter o seu papel, pois as meninas de hoje serão as mulheres de amanhã.

A família

A mulher é responsável pela organização da família – os bens, o bem estar. Ela coordena tudo – seus próprios bens e os do marido. Controla o que deve ser vendido, o que precisa ser comprado o que deve ser feito.

A responsabilidade do homem é a de prover a família com o que se é necessário: roupas, comida, remédios – tudo que tem que ser comprado fora.

No momento, as coisas estão mudando. Uma viúva que é a chefe de família, tem de trabalhar. As mulheres tem muitas ocupações, o que permite que elas sustentem suas famílias.

Há mulheres que fazem trabalhos recém criados, como cuidar de animais, o que não era feito no passado. As pessoas estão tentando criar novas atividades que se adequem ao estilo de vida atual.

Tradição

A mulher é responsável por preservar nossas tradições; ela passa essas tradições a seus filhos. Na educação de nossas crianças, tentamos não nos esquecer do nosso código de honra, “acha”. Esta é a nossa filosofia básica onde o nosso estilo de vida dita regras para as nossas tradições e nossos costumes. Esse é o nosso tesouro – não é sempre tudo que aprendemos com os outros. Nossos pais eram bons, fomos bem cuidados. Temos nossos remédios tradicionais, temos nossos próprios meios de criarmos coisas que são úteis para nós. Temos muitas coisas. Agora, as estamos perdendo porque outras coisas estão se

tornando mais importantes. A questão que me faço é: essas outras coisas são o que realmente precisamos, elas são apropriadas para o nosso estilo de vida?

Violência Conjugal

No meu país, os homens que são violentos com as mulheres, que as insultam, são rejeitados pela sociedade. É desonroso para um homem levantar a mão contra uma mulher. É incompreensível tem que ser explicado... É covardia para um homem bater em uma mulher, na nossa cultura.

Tudo é feito para se evitar isso. A mulher o deixa assim que é sabido que ele a bateu. O marido não tem direitos e o divórcio acontece imediatamente. Ele não pode se casar de novo, porque as mulheres o rejeitam. Ele tem uma imagem ruim e é um mau exemplo para as crianças.

Mulheres que se apóiam

Em Agadez, onde nasci, há muitos novos grupos de mulheres surgindo. A necessidade por esses grupos tem se tornado cada vez mais urgente. As pessoas entendem que devemos agir juntos para exercer uma maior influência. Idéias, experiências e coisas materiais são necessários para podermos progredir.

Não devemos negligenciar a solidariedade, pois ela nos dá a força para seguirmos em frente. Devemos sempre nos manter unidas, onde quer que estejamos.

No cenário político, a mulher tem um papel mais importante que o homem. Devemos nos organizar para não sermos apenas eleitoras militantes no dia de votação. Assim, os homens são eleitos e assumem o governo. Devemos nos colocar à frente dos candidatos, lutar para sermos eleitas para que possamos representar as mulheres.

Não devemos negligenciar nem nossa associação como também a ação política. As mulheres devem agir conjuntamente. Nosso objetivo não é o de lutar contra os homens - homem e mulher se completam. Eles são nossos maridos, pais, irmãos e filhos. Ao mesmo tempo sabemos que o futuro de outras mulheres depende de nós.

Conclusão

Devemos dar às nossas filhas todas as oportunidades. Elas não devem ser condenadas, desde o nascimento, a serem submissas ou apenas um objeto. Não devemos submetê-las a um futuro que talvez elas não desejem. Elas devem ter a oportunidade de fazer suas próprias vidas e vivê-las de acordo com seus desejos.

Toda a sociedade perde muito se a menina, futura mãe, não desabrochar. A mulher é a essência da sociedade e também seu futuro.

Acredito que isso é muito importante para o futuro da mulher-onde quer que ela esteja e qualquer que seja a sua identidade cultural. Devemos dar a essa menina – futura mulher- a oportunidade de concretizar seu potencial como um todo.

A CULTURA TRADICIONAL PODE MUDAR?

Gobaletch Gebre

Obrigado à minha mãe e avó. Tive aulas práticas e elas foram a minha escola.

Criei o Centro de Ajuda “Kembatti Menti Gezzima-Toppe” (KMG) na Etiópia, para mostrar a comunidade que ele pode ser um agente de mudança.

Na Etiópia a violência contra as mulheres é usual, é permitida por lei, pela cultura e costumes. Do breco ao túmulo, as mulheres são violadas todos os dias, especialmente em suas próprias casas, onde, à princípio, elas deveriam estar protegidas. É lá onde as meninas aprendem de suas mães como se segurar e sofrer em silêncio. Elas são fortemente condicionadas.

As mulheres são consideradas objetos: violadas, exploradas, abusadas, ou seja, a violência habitual contra as mulheres. Mas quando elas são estupradas, mutiladas, mortas, alguém pensa por que isso é tão costumeiro?

De acordo com a Bíblia, Deus criou o homem à sua imagem e a mulher igual ao homem. Então como se explica esse apartheid entre sexos, igual ao apartheid entre raças? Ambos são ofensas contra os Direitos Humanos e contra a dignidade humana.

Apartheid entre raças: eles dizem que a evolução é diferente, que os negros são mentalmente inferiores e o mesmo acontece com o apartheid entre sexos: as mulheres são inferiores biológica, moral e intelectualmente, logo não podem fazer os que os homens fazem ou agir da mesma maneira. Elas se limitam ao trabalho doméstico e procriação. Hoje se diz que as mulheres têm os mesmos direitos, como diz a Constituição. Mas as mulheres africanas sabem que isso não é verdade. Em nenhum sistema as mulheres têm seu valor reconhecido.

Por que a pobreza tem muito a ver com as mulheres? Porque a violência contra as mulheres é habitual. De acordo com cálculos da ONU, o trabalho da mulher é relegado. E elas dão a vida, trabalham da manhã à noite, cuidam dos filhos, mais velhas, são responsáveis por 57% do trabalho agrícola, e graças à elas as outras pessoas podem viver em paz e trabalhar

Através desses cálculos, um país pode medir sua produção, mas o trabalho das mulheres não é levado em consideração. Elas não têm renda, então ninguém investe nelas. Paradoxalmente a prostituição é levada em consideração, pois rende lucros.

Como podemos mudar essa situação?

Mostrando às mulheres como elas podem ser agentes de mudança. Mas como posso me tornar uma líder, se meus opressores pertencem à minha família?

As mulheres devem encontrar meios para recuperar a dignidade e justiça, através da luta. Luta é diferente de briga: na luta, medimos a força do outro; na briga queremos bater o outro. Devemos solidificar a solidariedade entre as mulheres.

As mulheres devem lutar pelo poder. Elas devem conhecer a si mesmas e ser reconhecidas. Uma vez que a mulher tenha aprendido a ser autônoma, ela não pode guardar esses ensinamentos para si mesmo, e deve ser criativa e partilhar suas experiências com outras mulheres.

Na Etiópia a violência é a prática da imposição. Mutilações são parte da cultura. Mães mutilam suas filhas, por ignorância. Nosso papel é o de criar pontos de encontro sob as árvores onde todos possam se encontrar.

As mulheres, primeiramente, devem saber quem elas são, quais seus direitos, conhecer seus corpos, sua saúde física e mental. Elas precisam de informação, precisam se capacitar para usar o dinheiro e investi-lo. Sua participação deve ser reconhecida. Elas devem saber que, como seres humanos, são semelhantes e podem participar.

Todos esses elementos devem ser reunidos em uma conversa com a comunidade.

Como a cultura é incorporada às estruturas do poder para criar o controle?

Os homens criam a cultura. Quando os direitos das mulheres são violados e elas são humilhadas, negligenciadas, tudo isso é feito em nome da cultura.

O que é cultura? Ela não pertence a apenas um grupo. Somos o produto de muitas culturas. Escolhemos certos aspectos culturais. Não podemos aceitar uma cultura que afastam o humanitarismo das mulheres. Temos bênçãos que os homens não têm, como gerar uma vida.

A ação da KMG começou e cresceu onde a Igreja estava presente. Falei sobre a igreja da imposição. “Quem somos nós para corrigir o trabalho de Deus? Deus deu às mulheres um dom especial...”.

Os grupos de conversação foram criados dessa maneira, com homens, mulheres, jovens, velhos, autoridades se reunindo. Eles se encontravam a cada quinze dias e seguiram o método abaixo:

Criando uma rede de contatos na comunidade.

Identificando problemas e preocupações

<p style="text-align: center;"><u>Apoiando</u> a comunidade, oportunidades, esperança mudança.</p>
--

Novas palavras

Reconhecendo problemas e preocupações

Ações

Decisões

Em uma comunidade, a mutilação é feita em 100% das meninas. Após 2 anos de conversas e palestras, 178 meninas se colocaram contra. Em 2002 o casamento da primeira menina que se rebelou contra a mutilação, aconteceu. Foi um marco noticiado pela imprensa. As coisas mudaram. Atualmente, 7 vilarejos não aceitam a mutilação e organiza grupos de apoio para mulheres não mutiladas. Todas as mulheres que não queiram ser mutiladas são apoiadas até o casamento.

Hoje, nascimentos e casamentos são registrados no país.

O governo instituiu uma lei contra a mutilação, com uma multa de 40 euros e tempo de reclusão de 3 meses., mas a lei ainda não foi aprovada e posta em prática.

Em 2004 as pessoas começaram a usar o nosso programa. Por ocasião do nosso 5º aniversário, o número de mulheres não mutiladas subiu para 25.000. Isso prova que a cultura pode ser mudada: podemos escolher e eliminar o que nos torna indignos.

Progredir não é implorar, mas conquistar a dignidade e o poder, tendo o poder de escolher a cultura na qual desejo viver.

Por que devemos aceitar que uma mulher deva morrer porque isto está em sua cultura. O que Jesus teria feito nesse caso?

Somos mais numerosas que os homens, devemos fazer as coisas globalmente, devemos nos unir. Começando por nossos lares, com nossas famílias. Dando poder às nossas filhas, fazendo e não apenas falando. Mostrando a nossos filhos o quanto valem. Mostrando quem somos, acreditando em nós mesmas. Agir em prol da humanidade e da solidariedade – isso começa na família de cada uma de nós.

Devemos reconstruir a comunhão entre as mulheres, criar a liderança, não governarmos como homens, mas sim através da consolidação da humanidade.

PLENÁRIO

Anna Casella

O tema de hoje é: “Cultura – Induzindo à pobreza ou provocando mudanças?” Essa é a questão com a qual trabalharemos nesse debate – a cultura é um obstáculo ou um incentivo para o desenvolvimento? Mais relevante ainda é a questão – quando e sob que circunstâncias, considerações culturais ajudam a promover mudanças?

Causas dos problemas com os quais as mulheres são confrontadas

A apresentação nos mostrou que a aderência a uma cultura em particular é uma fundamental etapa de nossas vidas. Entretanto, experiências de algumas pessoas poderiam nos levar a desacreditar dessa observação e nos tornarmos pessimistas. As mulheres vivenciam sérias dificuldades, freqüentemente devido à suas culturas. Elas passam por experiências traumáticas.

Temos visto exemplos de rituais que envolvem viuvez e poligamia – por exemplo, “levirate” (onde a viúva é obrigada a se casar com o irmão de seu falecido esposo), e “sororate”, na África (o casamento poligâmico com todas as irmãs), que é predominante na América Latina. Há também a solidão das mulheres européias e as dificuldades econômicas e de relacionamento das mulheres do Leste. Tudo acima mostra que as dificuldades vivenciadas pelas mulheres, se manifestam em níveis diferentes:

1. Relacionamentos; entre marido e mulher, costumes do casamento, dotes e como são negociados, dificuldades sobre como viver após a morte do marido, o isolamento das mulheres ante tal situação familiar ou sua segregação, como no caso da cultura Árabe, a solidão das mulheres européias na descoberta de um casamento falido
2. À nível econômico: excesso de trabalho, falta de direitos iguais para benefícios, dificuldades para prover as necessidades da família, em balancear família e trabalho e, em culturas mais afluentes, empregos sub-pagos e cansaço causado pelo trabalho em turnos dobrados.
3. Individualmente: doenças, falta de oportunidade para tomada de decisões, maior exposição à doenças e acidentes, mutilação genital, defasagem na educação e auto-estima, falta de relacionamentos satisfatórios.

Todos os itens acima são causas de pobreza entre as mulheres e instrumentos para a sua perpetuação. Entretanto, todas essas situações não têm nem a mesma origem nem as mesmas causas:

- Ritos de viuvez, poligamia, “levirate” e “sororate” (Camarões) refletem um conceito ultrapassado sobre o relacionamento homem-mulher. A mutilação da genitália feminina é uma forma tradicional de controle sobre as mulheres. Algumas aceitam essas normas, mas outras as rejeitam – algumas mulheres não entendem a lógica envolvida e exigem o direito de escolha. (Como testemunhado por algumas mulheres africanas.)
- Mulheres Ucríanas se referiram às deficiências no seguro social, o que as obriga a cuidar de suas famílias de novo, enquanto os homens da região passam por uma série de crise de identidade. Não há mais instituições sociais e, frequentemente, a terrível situação de regimes governamentais anteriores tem que ser corrigida (as crianças de rua da Romênia ou o restabelecimento da cultura civil na Albânia para substituir o « kanun » - o tradicional e cultural cônico da família.

- Na França, por outro lado, vemos os atuais modelos culturais de crise, comum á todo o oeste. Pensamento moderno é a falta de outras formas de cultura, que retrata o casamento como uma ideologia romântica, que não possui nenhuma base em comum.

Os problemas vivenciados pelas mulheres são interculturais; eles estão presentes em todas as culturas, mas podem ter diferentes motivos.

- Um sistema cultural ultrapassado, que ignore um novo pensar: como em algumas culturas tradicionais onde o casamento é a única opção disponível para as mulheres ; ou a tradição onde o casamento só acontece se todos os bens da família do noivo são passados à família da noiva. Esse sistema, que foi criado a fim de juntar as famílias, não leva em consideração os sentimentos diferentes de grande número de mulheres.
- Uma rápida substituição das tradições culturais , sem nada de novo em seu lugar. O sistema tradicional referente á propriedade em Moçambique , por exemplo, deu às mulheres casadas o direito á terra , para que possam ter plantações. (Em Moçambique são as mulheres que trabalham na terra). Agora , uma mudança na legislação , que liberou a compra e venda de terras comunitárias , discrimina as mulheres que não podem comprar terras e, então, se tornam pobres..
- A falta de qualquer modelo em comum de cultura como é o caso do mundo no oeste, onde, de acordo com um antropólogo francês, a cultura se torna uma possessão completamente pessoal e onde os laços entre as pessoas são extremamente frágeis e encorajam um aumento da violência.

Com que modelos culturais nós estamos lidando?

Igualdade entre os sexos, família, o papel social das mulheres: esses parecem ser o tema em comum de hoje.

A cultura tradicional une sexo e papel social. Em outras palavras, o sexo determina o que podemos ou não fazer; ele impõe uma hierarquia e determina os papéis. Sendo assim, o mundo feminino (a família) e o mundo masculino (fora da família) são distintamente separados. O conceito de que a mulher é sempre protegida pelo homem (pai, marido, irmão) também controla seu comportamento sexual (a honra do homem depende do comportamento da mulher). A cultura tradicional vê a família como uma unidade de produção e unidade social, juntas pelo trabalho das mulheres. Uma vez que a família é uma entidade econômica, a transferência de posses de uma família para outra no casamento (dote ou “lobol”, como é chamado em Moçambique) é um assunto para as famílias e não para as mulheres.

Por outro lado, as culturas do oeste, as Cartesianas, ateístas e capitalistas são radicalmente individualistas. O indivíduo é o fator decisivo em qualquer situação ou em qualquer transação econômica. A pessoa é isolada, obrigadas a se colocarem econômica e profissionalmente, em primeiro lugar nos relacionamentos. In practise, it could be said that the woman suffers from “too much family” in some situations and “too little family” in others.

Na prática, poderia ser dito que a mulher sofre de “muita família” em alguns casos e “muito pouca família” em outros.

- Em países onde a família (sua própria família ou a de casada) é uma “instituição completa e social”, a mulher é privada de qualquer individualidade ou independência e a família é baseada em a mulher sacrificar a si mesma.
- Em países onde as tradições estão sendo questionadas (Leste Europeu ou África) a mulher ainda tem as tarefas de trabalho, cuidado e ajuda. Ela assim o faz por conta própria, geralmente sem nenhum apoio, tanto da comunidade tradicional como da legislação nacional. Ela vive sob um sistema arcaico, que não dá o apoio que ela merece.

- Finalmente, nos países capitalistas, bem estabilizados, como os países da Europa e da América do Norte, as mulheres são vítimas de sistemas deficientes. Elas nem sempre são protegidas pela lei (por exemplo, onde o sistema de saúde é privado). Há conseqüências econômicas para as mulheres divorciadas, subitamente sozinhas.

Como as mulheres reagem a essas situações?

As mulheres podem se engajar nas situações, elas podem se organizar, protestar e procurar por alternativas (testemunhos de Bogaltech Grebre, Camarões e senhoras Nigerianas).

Como devemos abordar a completa questão da cultura?

Devemos seguir em frente e redefinir o conceito de cultura.

Eis alguns critérios importantes:

Cultura e tradição não são a mesma coisa. A cultura é dinâmica, muda constantemente. Tradição é um elemento da cultura, mas se questionar a tradição para obter uma nova conscientização, é cultura em si mesma. Culturas, que apóiam imposição existem (até na Europa onde há comunidades de imigrantes), enquanto outras culturas se opõem a tal posição. As inovações culturais se tornam “culturas”. A oposição das mulheres etíopes à imposição, sua resistência, é um tipo de cultura. Cultura pode ser definida como “comportamento coletivo”. É um conceito dinâmico e criativo que reconhece que muitas culturas podem coexistir em uma mesma sociedade.

Cultura não é um sistema homogêneo, coerente e fixo.. Diferentes pontos de vista podem existir entre as pessoas e a cultura tradicional. Algumas tradições são aceitas pelas gerações mais velhas e estão sendo contestadas hoje em nome dos direitos humanos das pessoas – contestadas por essas mesmas comunidades que foram responsáveis por elas em primeiro lugar. Casamento, (que inclui “levirate”, “sororate” e poligamia), e que é considerado um assunto de família e uma unidade de produção, contravém os direitos das mulheres e faz uma divisão não igual dos direitos entre meninos e meninas, que as mulheres Tuaregues já mencionaram – um sistema que também foi praticado pelas famílias camponesas italianas até pouco tempo. O sistema patriarcal, onde mulheres e jovens são submissos à gerações mais velhas (sistema com o qual nós , Italianos, conhecemos bem) é incompatível com uma nova conscientização do direito à igualdade de cada pessoa em um grupo.

Quando analisamos a cultura tradicional do ponto de vista do gênero, alguns aspectos estão abertos à disputa. É certo que o modelo de família tradicional baseado na divisão de trabalho, a estrutura hierárquica e a maior e relativa importância do grupo sobre o indivíduo, pode dar certo para alguns membros da sociedade, mas não para aquelas em um patamar mais baixo da sociedade – as mulheres. Então, fica claro que o sistema cultural do oeste, baseado no indivíduo, super consumismo e isolamento podem satisfazer os objetivos das instituições econômicas, mas não são adequados às necessidades tanto das mulheres quanto dos jovens. Ver a cultura sob o preconceito de gênero significa fazer um pré-julgamento – que também pode significar evocar intervenções. O sistema de ajuda internacional, por exemplo, é baseado em uma noção muito incompleta de economia dos países em desenvolvimento. O conceito de “gênero” significa aceitar o fato de que as mulheres gastam 74%de sua renda enquanto os homens apenas 20% (Unicef).

Voluntários, ética e cultura.

Organizações voluntárias que trabalham em conjunto tem suas próprias culturas. Pode ser dito que vocês, voluntárias vicentinas, têm seus próprios conceitos sobre mulheres e família e que vocês têm o direito e dever de promover.

Isto significa que devemos ter um entendimento mais profundo da ética voluntária.

O primeiro dever da voluntária é entender a cultura.

Conhecer os contextos culturais em que trabalhamos significa nos questionarmos sobre a mentalidade das pessoas com as quais trabalhamos – isso às vezes pode ser difícil de entender e aceitar. Por que tantas mulheres latino americanas aceitam o machismo dos homens? É devido à alguma deficiência ou porquê elas não têm nenhuma alternativa econômica? Por que tantas imigrantes na Europa aceitam a prática da mutilação da genitália feminina? Se for este o caso, então necessitamos de uma forma de intervenção mais séria e a educação das pessoas para a criação de uma opinião pública que apoiará essas mudanças. (Na Itália a lei Consolo proíbe qualquer mutilação genital, mas também propõe projetos e educação para atacar a causa da prática).

Estar ciente dos contextos culturais também significa ser capaz de identificar que tradições podem ser abandonadas e aonde e como a cultura em questão está mudando. Quais as causas da crise? Elas podem ser novas maneiras de pensar das mulheres, a mudança de sistemas econômicos, maneiras de integrar o indivíduo ao mundo moderno? Os Índios Macuxi, de Roraima (Brasil) mandam os seus filhos para escolas na cidade e assistem à televisão, ainda que estejam vivendo em aldeias. Na cidade de Boa Vista esses mesmos índios discutem a situação da falta de terras.

O segundo passo é formar alianças com serviços sociais que trabalham para a mudança. Quem trabalha para que essa mudança ocorra são organizações de mulheres, organizações profissionais, revistas, pessoas de renome na localidade e Igreja.

A terceira medida é encorajar o dar poder às mulheres

Temos visto alguns exemplos de estratégias de intervenção que tem um papel importante para que as mulheres determinem seu próprio futuro

O primeiro tópico é conhecer a si mesmo. As mulheres têm um papel fundamental em toda sociedade: estão envolvidas na educação, cuidados, economia, transmissão de conhecimentos, assistência médica e agricultura. Elas aconselham seus maridos sobre como exercer sua autoridade, elas assistem seus filhos e tem redes de colaboração e ajuda. No entanto, elas não recebem nenhum reconhecimento e elas não estão preocupadas consigo mesmas. Elas deveriam estar cientes de sua importância, do meio ambiente em que vivem e de todas as coisas ao seu redor que estão ultrapassadas, para mudar.

O Segundo tópico envolve relações.

Encorajar a formação de uma rede de relações pode facilitar o desenvolvimento e reduzir a incidência de casos de solidão. Isto significa o acesso das mulheres aos serviços sociais, tanto para elas quanto para seus filhos e a ajuda para que entendam como tais serviços funcionam, especialmente no mundo ocidental.

O terceiro tópico envolve o local de trabalho e a economia.

Aqui, as ferramentas necessárias são a habilidade das mulheres em ter acesso à empregabilidade e os meios para o emprego, assim como a manipulação adequada dos recursos econômicos.

O quarto tópico se refere à saúde.

Em muitas partes do mundo o conhecimento tanto dos cuidados com a saúde, tradicionais e não tradicionais e o uso desse conhecimento tanto para si mesmas quanto para seus filhos, é uma prioridade assim como a propagação de informações sobre os efeitos da AIDS e outras doenças.

O quinto tópico é sobre educação e alfabetização.

Isso significa não apenas trabalhar para fazer com que as mulheres vá às escolas (ou cursos de alfabetização para migrantes), mas também estabelecer um sistema de educação especialmente para as mulheres e que reconheça suas circunstâncias particulares.

Concluindo – alguns pontos chave:

- Dificuldades vividas pelas mulheres são além de culturais e há muitos fatores que causa esses problemas.
- Vemos o termo cultura sob uma nova “luz”, dinâmica (a cultura é o corpo evolutivo das instituições). A cultura não é monolítica. (Diferentes posições sobre um ponto de vista ou sobre um tipo de comportamento podem coexistir em uma mesma cultura).
- Devemos ver a cultura sob o ponto de vista do “gênero” e julgar as práticas tradicionais que causam dificuldades às mulheres e lhe fazem mal.
- We do not refer to “respecting culture” but rather to “promoting” cultures – this is a value judgement.
- Mudar o relacionamento entre homens e mulheres instiga um processo cultural endógeno que afetará toda a sociedade. Isso ocorrerá quando as mulheres tiverem um melhor conhecimento de si mesmas e de novos métodos.
- Voluntárias Vicentinas também têm uma “cultura” – sua visão do mundo (das mulheres, de desenvolvimento).

As voluntárias têm um próprio senso ético que as levam a entender, julgar e agir de uma maneira que promova o indivíduo.

Capítulo 3

Meios práticos de ir contra a pobreza das mulheres

ESBOÇO DO SEMINÁRIO

Uca Agullo

Atualmente observamos a feminilização do poder. Essa é a razão pela qual decidimos dedicar todo um dia para estudarmos as causas da pobreza nas mulheres e garantirmos que seus direitos fundamentais em várias culturas sejam respeitados.

Hoje, em muitas culturas, a depreciação do sexo feminino, a ignorância de seus direitos, e, em alguns casos a influência negativa da imprensa, inibe as mulheres de reforçarem sua autonomia social e profissional.

Ontem analisamos várias situações de pobreza e, graças a muitos testemunhos, soubemos que apesar das mulheres terem um papel principal em vários níveis da sociedade, muito raramente elas escapam da situação de pobreza.

Entretanto, o exemplo concreto que analisamos ontem, revelou um aspecto positivo, uma vez que foi possível mudar algo totalmente enraizado na cultura, a mutilação, então, deve ser possível mudar outros elementos da cultura, menos complexos dessa vez.

Daí a urgência em mostrar aos participantes métodos eficientes e concretos para enfrentarmos os vários aspectos da pobreza com os quais convivemos todos os dias. Isso será feito através de Fóruns. Poderemos disseminar esses métodos em nossos respectivos países.

Tivemos então a idéia de oferecer painéis com sessões de trabalho interativas durante a nossa Assembléia; nosso objetivo era o de promover novos métodos para treinamento de voluntárias, continuando fiéis ao nosso carisma e assim nos tornarmos mais eficientes em nosso trabalho.

Sugerimos métodos que outros grupos já usaram com bons resultados.

As “esquinas culturais” serão bem vindas ao final do dia, pois serão locais para troca, relaxamento e compartilhamento.

FORUNS

O objetivo dos fóruns era o de propor métodos concretos que servissem as necessidades das mulheres pobres.

Cada fórum reuniu 50 delegações e os tópicos foram:

- Micro créditos
- Mudanças sistêmicas
- Programa de Cuidados com a Saúde Comunitária
- Representação internacional e ação política
- Integração social através da cultura

O líder do fórum apresentou experiências reais e liderou um debate, convidando os participantes a partilhar suas próprias experiências e enriquecer a base de dados das “boas práticas da AIC”.

Cada participante recebeu um documento sobre a técnica aprendida para partilhar com os membros de cada associação.

No Livroto de Treinamento de Dezembro de 2007, três fóruns serão desenvolvidos: Cooperativas Micro-créditos e Programas de Cuidados com a Saúde Comunitária.

OFICINAS

No último dia da Assembléia, enquanto os presidentes nacionais da AIC se reuniam por região, as outras delegações puderam escolher entre participar de quatro oficinas diferentes:

- **Metodologia de projetos**, para melhorar a situação das mulheres, conduzida por Natalie Monteza.
- **Arrecadação de fundos**, por Christine de Cambray.
- **Comunicação para uma melhor visibilidade da AIC**, por Claudette Mouffe.
- **Prevenção da violência contra as mulheres**, por Anne Sturm.

Cada oficina contou com, aproximadamente, 40 pessoas. A participação foi dinâmica. Os textos estão disponíveis na Secretaria Internacional da AIC.

Capítulo 4

Diretrizes Operacionais e Pobreza das Mulheres

ESBOÇO DO SEMINÁRIO

Uca Agullo

A sessão de trabalho de hoje tem um interesse particular. É o dia decisivo para definir as várias formas, que fortalecerão o nosso comprometimento com a AIC em um futuro próximo. Por mais distantes que estejamos uns dos outros, há entre nós uma união indissolúvel que nos torna muito fortes e nos encoraja a seguir em frente. Sabemos que não estamos sozinhos, mas que uma rede grande, sólida e fraternal une o trabalho de 250.000 voluntárias pelo mundo.

Durante esses poucos dias de encontro, nossa Rede está decidindo sobre como trabalhar para dar uma contribuição conjunta àqueles que querem “mudar o mundo”, mais precisamente o mundo de injustiça cultural, que impede que a maioria das mulheres cresça e evolua, e que em outros casos – como o da violência-afeta suas vidas dramaticamente.

Os Fóruns apresentaram novas ferramentas que nos ajudarão a lidar mais eficientemente e com mais criatividade, com os vários tipos de pobreza, entre os quais estão aqueles causados pela cultura. Durante as palestras, discutimos algumas idéias sobre os meios disponíveis que podemos usar para mudar situações pré-estabelecidas, e como demonstrar uma solidariedade eficaz com tantas mulheres que são assoladas por vários tipos de pobreza.

Temos uma grande força em comum: nosso trabalho de base com os pobres, a atenção deles para conosco, o respeito que eles inspiram e merecem , tudo isso com a espiritualidade que nos leva a trabalhar como um time , boas vindas fraternais e comunhão espiritual. Eis alguns aspectos positivos que engrandecem o nosso trabalho como seguidoras de São Vicente .

Tudo isso requer uma Associação Reforçada. Eis porquê todos temos que nos sentir responsáveis pelo que temos em comum : a AIC.

Irmã Maria Pilar mostrará que nossas raízes, a espiritualidade de São Vicente, encoraja a nossa criatividade para enfrentarmos a pobreza dos dias de hoje.

Após o jantar o bazar da solidariedade mais uma vez nos dará a chance de nos encontrarmos para angariar fundos, o que mostra que ficamos ao lado das voluntárias quando elas passam por momentos difíceis. Quando alguém passa por um momento difícil, elas devem sentir que estão apoiadas: é apenas através da solidariedade que elas reunirão forças suficientes para continuar, quando, em muitos casos, elas não sabem por onde começar. Todos os países

apoiaram a iniciativa da AIC e participaram generosamente. O dinheiro coletado ontem será doado para nossa associação internacional.

AS RAÍZES DA ESPIRITUALIDADE VICENTINA

S. Maria Pilar, *fc*

INTRODUÇÃO:

Antes de qualquer coisa, gostaria de agradecer Marina Costa por ter me convidado para compartilhar meus pensamentos com vocês em um assunto próximo a todos os nossos corações: como o Espírito Santo agiu com São Vicente que, fiel ao desejo de Deus, descobriu Seu Desejo, e como sua espiritualidade, seu “próprio estilo” de seguir Cristo, alcançou todos nós, seus filhos e filhas.

Enquanto preparava meu discurso, tentei levar em consideração o que aconteceu antes de estudar as **diretrizes operacionais** que inspirarão seus atos nos próximos anos. Também tinha em mente o fato de que estou falando com vocês no contexto de uma Assembléia que tem o propósito de discutir um tópico muito significativo, que é **“Mulheres e Pobreza-Diversidade de Culturas”**.

Isso significa que devemos, mais tarde, focar na origem, nas raízes, como está no título, do que é denominada de **Espiritualidade Vicentina** e dividir isso com a sociedade de hoje, para que possa iluminar nossos atos concretos. Mais ainda, não podemos nos esquecer que essa origem aconteceu em uma **situação cultural** específica, que, em muitos aspectos, é muito parecida com a situação de hoje e, em outros, totalmente diferente. É por isso que iremos mencionar brevemente, a contribuição de São Vicente para a promoção das mulheres e o papel delas na sociedade e Igreja.

Quando possível, lerei textos de São Vicente que usei quando dei palestras às senhoras da primeira Associação. Então, tais textos podem ser menos conhecidos, uma vez que as pessoas usam palavras do Fundador ligadas às Missionárias ou Irmãs de Caridade.

A espiritualidade de São Vicente

Se considerarmos como espiritualidade todas as idéias e atitudes que caracterizam a vida espiritual de uma pessoa ou de um grupo de pessoas, para um Cristão isso será traduzido como um **modo concreto de seguir Cristo**. A espiritualidade de São Vicente de Paula nasceu de seu forte encontro com Cristo num mundo dos pobres. Isso o levou a viver seguindo dois princípios chaves em sua vida religiosa:

- **“Servir os Pobres é um caminho para Deus”**.

- Servir aos pobres é construir para eles **o Reino de Deus e Sua Justiça**.

Esses princípios são, para São Vicente de Paula, a verdadeira expressão da realização dos desejos de Deus e a continuação da vida e missão de Cristo, evangelista dos pobres.

São Vicente de Paula é mais um homem de ação, do que o autor de uma espiritualidade estruturada e sistematizada. Através de sua vida e inúmeros escritos, ele nos transmite um “modo de vida”: continuar a missão de Cristo, enviado pelo Pai para **evangelizar os pobres**, lhes falar que o **Reino de Deus** é próximo e que esse Reino é **para eles**.

Em várias ocasiões, São Vicente insiste na **identificação de Cristo com os pobres**. Tomemos dois belos textos como exemplos. Em um sermão com as Senhoras em 11 de Julho de 1657, ele lhes falou:

“Ele mesmo gostaria de ter nascido pobre, ter a companhia dos pobres, servir os pobres, se colocar no lugar dos pobres. Ele sempre dizia que o bem e o mal que alguém faz a um pobre serão considerados contratos

com a sua vida eterna. Ele poderia ter mostrado um amor mais terno pelos pobres? Senhoras, não há diferença entre amá-lo e amar aos pobres, desse modo, servir aos pobres é servir a Ele". (1 Tradução em Inglês das frases de "Obras Completas de São Vicente de Paula". Ed. Sígueme – Volume IX, p.25 e S.V. IX 25.).

Em 13 de Dezembro de 1646, ele disse às Irmãs:

"Quando alguém serve a um pobre, ele serve à Jesus Cristo. Minhas filhas, quão verdadeiro é isso! Servir a Jesus Cristo na pessoa de um pobre. Isso é tão real quanto estarmos aqui

Para São Vicente de Paula, continuar a missão de Cristo é respeitar o desejo de Deus, o que significa para o nosso Fundador, como o deveria para todos nós, uma sede de justiça, construir o reino de Deus e Sua justiça. Uma das **características** originais da espiritualidade Vicentina é a relação que o nosso Fundador estabelece **entre o reino de Deus e o desejo de Deus**; uma relação que, como mostrado na sua vida, pode ser alcançada através de ações concretas. É por isso que ele nos diz:

"As pessoas devem santificar seus dons na procura por Deus nessas ações, e fazer essas ações para encontrar Deus, ao invés de vê-las feitas".

Uma outra característica que São Vicente nos passou foi: trate **os pobres como pessoas que tem dignidade e direitos**, assim, desse modo, nós os valorizaremos não por piedade, mas justiça.

Lembremos de algumas de suas palavras:

"Que a **justiça** ande lado a lado com a **caridade**".

"Não pode haver caridade sem justiça".

"Os deveres da justiça são preferencialmente para aqueles que praticam a caridade".

"Que Deus nos dê a graça de amansarmos nossos corações com os pobres (os que não tem privilégios) e acreditar que, quando ajudamos, estamos fazendo justiça e não caridade".

Para São Vicente de Paula, os pobres são as primeiras pessoas a viverem em uma situação de miséria, de exploração, marginalização e injustiça. São Vicente fundou as Caridades, a Congregação das Missões e Filhas da Caridade para fazer com que os padres e irmãos leigos cientes de que **as pessoas ou amam ou traem Deus através dos pobres**.

À sua época, a opinião de São Vicente de Paula era revolucionária. Apesar disso tudo, nosso Fundador nunca se deixou influenciar por inclinações políticas, embora tenha participado direta ou indiretamente da política. Seu principal título, como evangelizador dos pobres, e nada mais, o levou a participar de assuntos políticos; dessa forma, ele tentou trabalhar para o bem das "pessoas que morrem de fome e são condenadas pela sociedade".

A vida de São Vicente de Paula é completamente consumida pela chama da caridade, o fazendo afirmar que as pessoas devem **socorrer os necessitados**.

"... com a mesma rapidez com que as pessoas correm a apagar um incêndio".

Para São Vicente de Paula:

*"a **caridade**, quando habita uma alma, preenche completamente todas as suas esquinas: as pessoas não podem relaxar; é uma chama que não se apaga, sempre fazendo com que as pessoas estejam alertas e ativas*

Seu modo particular de entender e seguir Jesus Cristo vai **além de todas as culturas**, de todos os tempos, todos os lugares. O que não podemos fazer é insistir em fazer, hoje, o que não é essencial. Nossa missão será a de manter os **elementos fundamentais vivos**, os que devem durar, indo além de qualquer convenção e cultura que se transforma com o tempo.

Isso não é fácil algumas vezes, mas também não o foi para São Vicente cujo comportamento foi, algumas vezes, completamente *contra cultural*, como veremos, como exemplo, no tópico seguinte.

São Vicente traz uma nova perspectiva sobre as mulheres. O que isso acarreta para nós hoje em dia.

No século XVII as mulheres eram cidadãs de segunda classe, tanto na esfera social quanto religiosa, subordinadas aos homens e com nenhum direito legal. Não entraremos em maiores detalhes para provar isso, citando grandes homens da época ou hierarquias da Igreja, uma vez que poderíamos cansá-los, o que não é minha intenção.

Antes e durante a época de São Vicente, grandes mulheres na sociedade civil, como também na Igreja, já tinham falado contra esse assunto, mas sem nenhum retorno. São Vicente de Paula quebra regras, se liberta da desumana condição dada às mulheres e descobre que **as mulheres são vitais em reagir à situação de miséria em que as pessoas pobres se encontram.**

Convencido disso, ele confronta a tradição de seu tempo, abre novos caminhos e **apresenta as mulheres**, alheio às conseqüências, **a uma vida social e religiosa**. Ele primeiramente consegue isso, com mulheres de alta classe, as libertam de uma vida superficial e as capacita a se tornarem protagonistas de suas próprias vidas. Ele então trabalha com mulheres de classes mais baixas, que ainda são mais submissas aos homens, e as coloca na mesma condição daquelas mulheres de alta classe, as ajudando a fazer caridade o que, naquele século, era uma tarefa apenas para os homens. Vejamos a sua opinião sobre o assunto.

*“Parece que tratar de caridade é um assunto de homens e não de mulheres. Acredito que **Deus trabalha com aqueles que deseja**”.*

O texto é de um sermão que São Vicente pregou para as Senhoras que mencionei anteriormente, e ele continua:

*“Com relação ao fato de que isso não é uma tarefa por mulheres, vocês devem saber, Senhoras, **que Deus usou o sexo das pessoas para conseguir as coisas mais espetaculares que o mundo já viu. Que homem alguma vez fez o que Judith fez, o que Esther fez, o que a serva de Orleans fez, o que Santa Genoveva fez quando abasteceu Paris com comida durante a recessão?**”.*

Nesse aspecto também, São Vicente de Paula não faz nada além de seguir os passos de Jesus Cristo. Não estamos aqui para analisar a atitude que Jesus teve com relação às mulheres, mas iremos brevemente, nos referir a um texto usado por João Paulo II na bonita carta que ele escreveu às mulheres durante a conferência de Beijing.

*“Ele, **indo além das normas prevalecentes na cultura da época**, sobre as mulheres, teve uma atitude de abertura, respeito, refúgio e carinho. Desse modo Ele honrou as mulheres com a dignidade que sempre tiveram, no amor de Deus”.*

Vejamos também, com um exemplo, como São Vicente de Paula vai além das normas de seu tempo.

Emprestamos esse exemplo das leis das “Mulheres de Caridade de Chatillon-les-Dombes”, do final de 1617. São Vicente diz nessas Leis:

*“Como há razões para se desejar que haverá fundos para essa associação **e não é certo que as mulheres os administrem sozinhas**, as servas dos pobres escolherão como representante um clérigo pio e devoto ou um cidadão virtuoso”.*

São Vicente de Paula logo percebe que o lema cultural de seu tempo: *“não é certo para as mulheres cuidar da administração sozinhas”* é errado. Por volta de 1630, ele escreve para Louise de Marillac:

*“A experiência nos mostra que **é absolutamente necessário para as mulheres não depender dos homens, especialmente financeiramente**”.*

O que São Vicente de Paula nos ensina aqui? Quando **o bem estar dos pobres está em questão, não devemos hesitar e agir contra culturalmente**, se necessário.

Hoje também somos expostos à situações onde devemos agir *contra – culturalmente*. Eis dois breves exemplos da vida real:

È sabido que quando uma jovem cigana se casa, se torna membro da família do marido, mora com eles e deve se submeter a tudo que lhe é imposto, especialmente por sua sogra. Em uma família diferente, o fato de o bebê ter febre, simplesmente não é relevante, já que ele tomou as vacinas adequadas. A mãe, secretamente, leva seu filho para ser vacinado no hospital local. Ela é menos cigana por isso? Perde seus valores como cigana? A resposta é óbvia, a saúde do bebê deve vir em primeiro lugar, quando a criança se sente melhor o bem estar de todas as pessoas será maior.

Uma Filha de Caridade de Burundi assiste a uma aula sobre cuidados com crianças em Paris. Quando retorna ao Centro de Alimentação, onde serve os pobres, decide que se uma criança sempre lá retornar porquê sofre de má nutrição, ela não o receberá a não que a sua mãe também venha acompanhada por seu pai; é fácil de entender o porquê. A Filha de Caridade estará agindo contra a sua cultura se agir dessa forma? Claro que não, ela apenas está cuidando da criança, está também ajudando homens africanos para que estejam cientes de suas responsabilidades. Vocês não concordam?

Não posso passar por esse tópico sem mencionar o fato que **São Vicente de Paula e Santa Luisa de Marillac** também eram preocupados com a **educação das garotas pobres**, algo nunca falado até então. São Vicente já tinha se referido ao problema nas várias Leis da Associação. Santa Luisa, em 1641 pede permissão a uma autoridade da Catedral de Paris, para fundar uma escola no subúrbio de Saint-Denis para educar meninas pobres, cujos pais não podem arcar com sua educação.

Todos sabemos que ainda hoje, em algumas culturas, muitas meninas não têm as mesmas oportunidades de educação, assim como os meninos. Desculpem-me por mencionar as ciganas de novo, mas eles estão perto do meu coração. Quando chegamos na área, um dos primeiros serviços que fizemos foi a organização de uma creche, para que as meninas não fossem forçadas a ficar em casa cuidando de seus pequenos irmãos. Organizamos, então, uma série de atividades... Visualize um grupo de jovens e bonitas garotas desfilando roupas que elas mesmas fizeram. Elas agora recebem o apoio de várias organizações; desde 1999, elas possuem seu próprio website, em Castelhana, Catalão e Inglês, onde elas podem se expressar e até falar sobre feminismo como também sobre ser uma cigana.

Em uma conferência em 2002, elas foram reconhecidas como contribuições ciganas ao feminismo, essenciais à cultura cigana que longe de ser discriminada, foi enriquecida por suas contribuições, graças ao treinamento que receberam:

- A família como núcleo da comunidade.
- A maternidade antes rejeitada nos movimentos pela liberação das mulheres, agora é enaltecida.
- As mulheres ciganas exigem, dentre outras coisas, respeito e igualdade para todo o seu povo, levando sua história e características em consideração.

O que quero dizer é que há valores e contra-valores em todas as culturas. Devemos **fazer nosso próprio julgamento** sobre o que deve ser **respeitado, apoiado e aceito** em cada cultura, enquanto, ao mesmo tempo, ser cuidadosos para que **o espírito Vicentino não seja imolado** pela grande influência que determinado **contra valor** possa ter.

Como o espírito vicentino ilumina nossas ações.

Na segunda parte do meu discurso, analisaremos alguns aspectos que, com a implantação prática dos princípios inspiradores que acabamos de ver, podem nos ajudar a melhorar nosso trabalho junto aos pobres, juntamente com o espírito nos deixado por nossos Fundadores. Digo “Fundadores”, pensando no envolvimento de Luisa de Marillac e acima de tudo na Organização e Associações de Caridade.

1. THE NEED FOR ORGANISATION AND TRAINING

Temos uma grande gratidão por nossos Fundadores, porquê eles abriram os caminhos e nos deram diretrizes a serem seguidas que são válidas até hoje. São Vicente, ajudado por Santa Luísa em algumas ocasiões, escreveu uma série de Leis, as adaptando às diferentes realidades.

Padre Dodin, grande especialista em São Vicente escreveu que as Leis da primeira Caridade, as de Chatillon, foram:

Uma obra prima de **organização e ternura**.

Nessas Leis, São Vicente observa que:

“Algumas senhoras virtuosas da cidade de Chatillon-les-Dombe, decidiram se encontrar para ajudar espiritualmente e fisicamente os habitantes de sua cidade, que tiveram **momentos de muito sofrimento**, mais por falta de ordem e organização do que por falta de almas caridosas”.

Vivemos em uma sociedade muito mais pluralista do que no século XVII. Enquanto nosso Fundador achava vital agir seguindo as Leis, hoje temos que agir com cuidadosamente elaborados “Projetos” que levam em conta todas as variáveis.

Em geral, as pessoas que ajudamos estão mentalmente exaustas; quanto mais cansados elas estejam, devemos **interferir de forma clara e estruturada**. Se não, apenas contribuiremos para a sua desintegração.

As Vicentinas, algumas vezes cometem erros. Sendo o que somos e fazendo o que as crianças de São Vicente tem feito por mais de três séculos, isto acontece. Me refiro , acima de tudo , ao aspecto dos Serviços Sociais..

Hoje, é essencial ser **profissionalmente treinado**, a fim de desenvolver uma mentalidade onde os seguintes aspectos são absolutamente necessários:

- o **estudo permanente** das situações de pobreza.
- o desenvolvimento de uma **consciência crítica** das causas da pobreza.
- a necessidade de elaborar projetos com objetivos fáceis de serem acessados.
- intervir com a metodologia própria, técnica ou administrativamente.

2. Para claramente analisar a realidade.

A principal diferença entre a pobreza hoje e a da época de São Vicente, é que hoje a pobreza não é algo inevitável. Antes da Revolução Industrial, não havia muito, nem como, para minimizar a miséria na humanidade. Hoje, pela primeira vez na história da humanidade, **há recursos suficientes para se ter certeza de que todos têm acesso às necessidades básicas**. É por isso que os pobres de hoje são os empobrecidos e não os necessitados dos tempos primordiais.

A fim de analisarmos claramente a realidade de hoje, devemos perceber que pobreza-marginalização-exclusão, como um todo, não é puramente acidental, é uma realidade nascida de mecanismos frios e contínuos. É o que João Paulo II chamou de “estruturas do pecado”.

Enquanto a primeira realidade que qualquer ação social deve confrontar é pobreza e marginalização, a segunda realidade é injustiça. De fato, a pobreza, sendo um problema social, é

ligada a toda a estrutura da sociedade, uma vez que é a **manifestação de uma distribuição de bens injusta**. Vimos que não é isso que Deus deseja e que São Vicente foi contra isso.

O que direi agora é ligado com o que li sobre “ação política”, em suas publicações. Vimos que São Vicente não é um político, embora tenha interferido politicamente quando o bem estar dos pobres requeria uma ação de justiça.

No mundo de hoje, como antes, neutralidade política não existe. Em um mundo tão interconectado como o nosso, qualquer ação é politizada, tanto ativa ou passiva. **Ficar calado ante a injustiça** é tolerar e permitir que a injustiça impere. Passivamente, é **estar lado a lado com a injustiça**.

É por isso que Luiz González-Carvajal, um teólogo espanhol e estudioso de São Vicente escreve em seu livro “A Causa dos Pobres é a Causa da Igreja”:

*"A Igreja e suas instituições não podem escolher entrar na política ou não, mas sim escolher que leis, e a favor de quem, adotarão.... As leis da comunidade cristã devem beneficiar os **mais pobres dos pobres** e o objetivo é trazer a justiça dos homens para mais perto da justiça de Deus".*

Antes de iniciar um projeto, especialmente com mulheres, um aspecto muito importante no que diz a análise clara da realidade é a importância de **saber como definir, coletivamente, uma situação particular**, a fim de descobrir em todas as comunidades, oportunidades de crescimento. De agora em diante seremos capazes de elaborar projetos de vida da associação e comunidades, que são vitais para o poderio das mulheres.

3. Ter em mente um retrato claro da sociedade que queremos e ser coerente.

Como dissemos anteriormente, agir desse modo causará **tensões** entre **anunciar e denunciar**. Não podemos apenas denunciar a transgressão de valores éticos por autoridades políticas, por exemplo, devemos também fazer uma autocrítica.

Para que nossa denúncia seja **profética e moralmente aceitável**, devemos ser **responsáveis** por nossas próprias vidas. Isso pode ser desconfortável, pois implica em uma mudança de valores e conseqüentemente, adaptação ao estilo de vida de São Vicente de Paula enquanto seguia Jesus. Para mim, pertencer a uma Associação não é um meio de trabalho, mas um **modo de vida**.

- é possível que **“ser” substitua “ter”** como um valor fundamental em nossa sociedade.
- **precisamos de muito menos** para satisfazer nossas necessidades básicas humanas.
- **a qualidade de nossos relacionamentos** nos torna mais felizes do que a quantidade de bens que possuímos.

4. Acreditar firmemente nas pessoas.

Introduzindo este tópico, estou profundamente convencida de que essa é uma questão de vida e de morte e disso depende o futuro das pessoas com quem estamos trabalhando. Não falo apenas dos pobres sob nossos cuidados, mas também de nossos colaboradores, voluntários e pessoas que nos contatam para saber mais sobre a Associação.

Acreditar nas pessoas significa que devemos acreditar em nossos corações e em algumas noções básicas:

- **saber**, sem exceções que **cada um e todos nós temos direitos e deveres**.
- verdadeiramente confiar **na capacidade de cada pessoa de melhorar e seguir em frente..**

A primeira coisa em que devemos acreditar é nos **olhos da fé**. Vimos como São Vicente de Paula identificou Cristo com os pobres e os pobres com Cristo. Vejamos de novo:

*“Vire a medalha e veja com os olhos da fé que **o filho de Deus**, que queria pertencer aos pobres, é **representado pelos pobres**... Meu Deus!! Como os pobres são bonitos, quando os vemos sob a perspectiva de Deus e com a mesma estima de Jesus Cristo!”*

Foi através dos olhos da fé que nossos idosos, com o carisma Vicentino nos ensinou a olhar para os pobres. Inúmeras gerações de Vicentinos, em suas vidas, olharam os pobres como professores, **“que pregam por sua presença”** e valorizam os **que necessitam ser amados e respeitados profundamente**.

Com tal visão, não podemos cair em estereótipos e categorizar as pessoas. Expressões tais como: “Eles são todos iguais”, “não podemos fazer nada quanto a isso”, “ele não quer mudar...” não podem estar no coração de um Vicentino. Se isso acontece comigo, tenho que parar e pensar. Com essa atitude, nego minha capacidade de agir, prevendo o fracasso e definindo o futuro das pessoas que o Senhor colocou sob meus cuidados.

Não temos tempo para entrar no já batido debate sobre “a favor da ajuda” e “contra a ajuda”. Tudo que digo é que **ajuda direta** não pode ser considerada como um fim por si mesma, ou uma atividade isolada, mas sim um **meio** para ajudar as pessoas a acordarem e as fazerem **prosseguir em suas vidas**, obtendo seus objetivos à médio ou longo prazo. Focamos no nosso trabalho de **“acompanhar o processo”** ao invés de “resolver problemas”.

Ajudar as pessoas a terem consciência de sua própria realidade, assim como os passos a seguir, é uma **tarefa longa** e deve **respeitar o desejo de cada pessoa** em organizar sua vida. As pessoas que nos contatam não procuram alguém para mudá-las, mas alguém que, as **apóiem**, acompanhem e ajudem. Um bom indicador no nosso trabalho com os pobres é **ver o nível de autonomia deles. crescer progressivamente**

Trabalhando com o pressuposto de que toda intervenção na esfera social deve ser educacional, poderíamos dizer que **o melhor educador capacita a pessoa a desenvolver todo o seu potencial** e pode o fazer no momento apropriado.

5. Capacidade de colaboração e trabalho em redes de pessoas.

O processo de que já falamos, à nível individual, deve ser **desenvolvido coletivamente e em coordenação** com outros departamentos e com a família da pessoa. Isso significa que nossos esforços serão multiplicados e encoraja o desenvolvimento de outros fatores muito importantes como a solidariedade, senso de pertencer e coesão do ambiente.

Fortuitamente, os que acreditam não são os únicos que se preocupam e querem lutar contra a injustiça! Não podemos esquecer nosso comprometimento com as pessoas menos privilegiadas, baseadas na ética civil. Na realidade, os que acreditam e os que não acreditam dividem um local de trabalho em comum porquê eles têm as mesmas exigências básicas e porquê a tarefa é tão fantástica que todos os homens e mulheres de bem vão precisar trabalhar lado a lado.

Eis porquê **nossas ações não podem ser isoladas**. Primeiramente, nossa ação deve ser muito ligada ao projeto, levando em consideração seus objetivos. É normal, em todos os projetos, se fazer mudanças. Essas mudanças devem ser baseadas em decisões tomadas pelo grupo. **Ações individuais** ou ações tomadas sem a concordância do grupo não podem ser aceitas.

Com toda a certeza, em nossos projetos, nós estaremos em contato e coordenaremos, junto com outras forças ativas em nossa sociedade que trabalhem nas mesmas áreas que nós. Trabalharemos, se Deus quiser, com outros membros da **família Vicentina**, dividindo o mesmo espírito e pondo junto à riqueza de cada equipe.

Somos todos filhos de São Vicente de Paula que foi o primeiro a organizar Caridade e que o fez com um fim determinado em mente: trabalhar duas vezes mais para oferecer um melhor serviço àqueles que sofrem. Refiro-me mais uma vez aos eventos de Chatillon em 1617 e à criação da Associação. Um aspecto do trabalho de São Vicente em Chatillon, que talvez não estamos levando muito em consideração é o seguinte: ele conseguiu interferir nos problemas específicos de determinado grupo; **do ambiente que causava tais problemas** e, para tal, **ele combina as ações que vêm das próprias comunidades**. Isso foi repetido mais tarde nas outras Associações. Se vocês analisarem a Caridade Mista de Macon, vocês verão o quanto ela é organizada, envolvendo forças ativas da cidade.

6. Reconhecer os pobres como presentes em nossas vidas.

Vimos que um dos requisitos do espírito Vicentino é acreditar na capacidade de cada um para melhorar e prosseguir. Essa também é uma realidade que até aqueles que **aparentemente apenas recebem** devido à situação, **estão contribuindo com sua capacidade de receber**.

Não é fácil para nós receber, especialmente para aqueles que estão acostumados a dar. Não é fácil estabelecer uma relação na posição de “recebedor”, uma vez que não fomos treinados para isso. Se na nossa vida, não criamos relações com os necessitados, os fragilizados, vulneráveis, que **doam sua disponibilidade** para acreditar em nosso Serviço, teríamos descoberto todas as **capacidades escondidas em nós mesmos**. Muitas dessas capacidades não tem nada a ver com idade, conhecimento. . Elas se referem, por exemplo, a generosidade, saber como ouvir, reconhecimento e reciprocidade para permitir os direitos e justices de outras pessoas. Podemos e devemos usar todas as nossas capacidades, enquanto o Senhor nos dá forças para seguir a serviço dos pobres.

É nessa perspectiva, que o reconhecimento dos pobres como um presente alcança seu sentido completo; **com eles, eu descubro minhas próprias limitações e minhas próprias áreas de exclusão**. Ao mesmo tempo, enquanto acompanho o próximo, estou ciente do meu próprio crescimento, pois em toda troca há um enriquecimento mútuo. **Cresço na mesma proporção que o outro**. Eis onde a expressão **“os pobres são nossos mestres e senhores”** adquire um sentido completo.

Por fim, mas não menos importante, terminarei me referindo a algo muito querido a São Vicente de Paula, a maravilhosa providência de Deus. Que **a excessiva confiança** em nossos recursos pessoais e materiais, quaisquer que sejam, nunca nos faça esquecer da **maravilhosa “providência de Deus”**. Que não cometamos o erro de medir a eficácia de nosso serviço, com os mesmos indicadores utilizados pela sociedade; isto é em termos econômicos com estatísticas de sucesso e fracasso. Para que essa definição de eficácia não nos afete, temos que tornar claro que estamos seguindo Jesus cuja vida foi de aparente perda, e que somos filhos espirituais de São Vicente de Paula. Para quem, eficácia apenas significava em trabalhar com o plano de Deus, assim como foi vivido por Jesus, e expresso no quarto capítulo de São Lucas:

“O espírito de nosso Senhor está sobre mim, porque ele me mandou para pregar a religião aos pobres ; liberdade aos cativos e recuperar a visão dos cegos , libertar os que estão feridos , o ano do Senhor”.

Que Maria, nossa Mãe , que sempre soube estar atenta às necessidades do outro , nos ajude a viver nossas vidas com os princípios que discutimos.

INTRODUÇÃO ÀS DIRETRIZES OPERACIONAIS

Marina Costa

Gostaria de dizer algumas palavras sobre as diretrizes operacionais da AIC, antes que recomeçemos a trabalhar juntos. Tentaremos encontrar o caminho que iremos seguir nos próximos anos, no que concerne à pobreza, especialmente de mulheres.

Fazer parte da equipe da AIC significa apoiar o projeto de São Vicente.

- projeto que nos dá identidade
- Assim que decidimos fazer parte dessa Associação, nos comprometemos a participar ativamente no projeto.
- Os princípios do projeto podem ser encontrados no Documento Básico.

O projeto de São Vicente é lutar contra a pobreza, e contra todas as situações que afetam as pessoas e as privam de viver em condições normais e satisfatórias.

Nós, Voluntárias da AIC, nos propomos a colocar este projeto em prática.

- Com referência ao Evangelho, com a doutrina social da Igreja e o Espírito de São Vicente.
- Nos unirmos em uma ação comum como proferido na frase: “Contra a pobreza, lutando juntos”, que também é o título de nosso Documento Básico.

Para por em prática o projeto hoje, A AIC propõe métodos e estratégias que não são decididos teoricamente. Pelo contrário, eles vem diretamente dos grupos da AIC, em todo o mundo, e são formulados e votados pelas delegações da AIC, cujos países membros estão representados nesta Assembléia.

Como as Diretrizes Operacionais são Desenvolvidas

Há um elo muito forte entre as experiências das equipes da AIC na área e o desenvolvimento das Diretrizes Operacionais da Associação; na verdade, são todas as experiências na área, em todos países que encorajam AIC a continuamente, buscar uma resposta que transforme a situação de pobreza.

Na prática, como funciona?

Em 51 países, as equipes da AIC **analisam a realidade de seu meio** e respondem com atividades concretas e projetos que tem dois objetivos principais:

- Atender as necessidades dos pobres e acompanhá-los no processo de transformação.
- Desenvolver atividades que pressionem, reajam às causas da pobreza e conscientize a sociedade.

Essas ações e projetos são transmitidos pela AIC através de diferentes métodos, juntamente com a auto - avaliação das equipes no que diz respeito ao estado de pobreza, como eles respondem, o sucesso e as dificuldades que as pessoas pobres encontram. Os meios de transmissão desses projetos são os boletins anuais de cada equipe. Os boletins dos presidentes nacionais da AIC, cartas e diferentes comunicados, boletins, visitas a outros países, encontros durante seminários de treinamento. No entanto, também há um método particular de troca de informações, durante a preparação para a Assembléia e é uma pesquisa na forma de questionário enviado às associações antes da Assembléia.

A reflexão contínua sobre todas as informações relevantes, passadas a AIC, juntamente com as idéias chaves das Organizações Internacionais passadas para nós, são os pontos que chamam a atenção das voluntárias nas Assembléias Internacionais. Eles são, então, analisados, discutidos e finalmente propostos e votados como Diretrizes Operacionais.

Desse modo, nos parece claro, que as experiências dos grupos, seus projetos e ações estimulam o crescimento a progresso de toda a AIC.

Vocês conhecem bem o desenvolvimento das Diretrizes, desde 1990, em Assis, quando ficou decidido, pela primeira vez, a elaboração das Diretrizes Operacionais, votada pelas delegações em nome de todas as Voluntárias da AIC no mundo. (O desenvolvimento pode ser encontrado no Documento Básico, à página 9).

Olhando para o passado, vemos um **tema em comum**, que aguça nossa própria conscientização e aprofunda nossas idéias.

Começamos com **autopromoção** e **solidariedade** através da AIC, então continuamos a prover uma **conscientização cultural** mais profunda e a partilhar idéias que são à base de nossas ações.

O trabalho social para lutar contra a pobreza é baseado no comprometimento em nos tornarmos uma força transformadora, para nos transformarmos, transformarmos nossas relações com os pobres e com a sociedade.

Para que tal transformação aconteça, é necessário um forte senso de co-responsabilidade entre nós e toda a sociedade; que nós dinamicamente e construtivamente reinforcemos nossos grupos para que ajudem os necessitados a se transformarem em **autores da mudança** em suas vidas e comunidades. O ato de transformação exige uns comprometimentos plenos, que podemos alcançar através de **trabalhos em grupos** e fazendo **pressão política**.

AIC está particularmente envolvida com a pobreza das mulheres, através da realização de vários seminários e iniciativas das quais falei no primeiro dia.

A luta contra a pobreza e a injustiça é o nosso “carro chefe” no **nosso trabalho de luta pela paz**, em conjunto com todas as forças da sociedade e da Igreja, agindo com coerência e confiança.

Todas essas diretrizes são parte de umas visões unidas e coerentes, feitas de pontos fortes, com os quais lidamos em nossas ações; certas idéias estão sempre presentes (treinamento e comunicação), mas podem, progressivamente adotar novas implicações. Outras idéias surgem e se desenvolvem em cada Assembléia, e outras surgirão de acordo com as necessidades de mudança em relação à sociedade e o crescimento do nível de pobreza.

É com essa referência que as nossas Diretrizes estão baseadas, em caminhos que surgirão nesta Assembléia, em que vocês trabalharão hoje e amanhã, tomando o cuidado de aprofundar os temas que vocês acreditem ser os mais importantes, e descobrir novas idéias e novos métodos para resolver essa questão com a criatividade que é peculiar a São Vicente de Paula e que caracteriza o nosso trabalho.

Todos os princípios que tentamos colocar em prática e que são os critérios que guiam nossas ações, formam a “base cultural comum” em que as Voluntárias da AIC no mundo se reconhecem, onde temos as mesmas intenções e estilo de comprometimento e um meio de estarmos juntas para fazermos um trabalho em conjunto com uma grande diversidade de situações e culturas.

Para os coordenadores regionais, e para mim mesma, é uma experiência única cada vez que visitamos um país. Chegamos em aeroportos desconhecidos, em mundos diferentes, onde línguas desconhecidas são faladas, mas quando encontramos as voluntárias nos sentimos em

casa, porquê dividimos as mesmas motivações, a mesma abertura, as boas vindas, e o pensamento de melhorar a situação de pobreza. É um forte elo de confiança e caridade que se torna uma amizade verdadeira.

Há algo especial e muito forte que nos une na AIC, sinto isso de forma intensa e os antigos membros do Corpo Executivo, que estiveram conosco por poucos dias, confirmaram isto. Espero que vocês também tenham tido a mesma experiência durante os dias desta Assembléia, onde é fácil conhecer um ao outro, trabalhar junto e se tornar amigos.

Falamos muito sobre cultura; **não é a nossa própria cultura especial, entre nós, que a AIC une, em nosso trabalho, pelo bem comum?**

Agora vocês serão divididos em grupos para refletirem e trabalharem na mais importante parte dessa Assembléia, que é propor novos caminhos para o futuro.

Desejo muito sucesso a todos vocês.

Capítulo 5

Compromissos

ESBOÇO DO SEMINÁRIO

Uca Agullo

A Assembléia estatutária é um momento onde as associações assumem seus direitos e a tarefa de participar da vida da Associação.

Com suas presenças aqui e através do seu interesse em tudo que foi feito e o ainda tem que ser feito, vocês caracterizam o sentido maior de juntar responsabilidades.

Um relatório das atividades e um relatório financeiro serão apresentados. Ambos os relatórios serão submetidos à aprovação da Assembléia. Todos os presidentes já receberam esses relatórios há três meses para estudo e análise.

Na segunda parte a Assembléia estatutária, escolheremos um novo B.E. É um momento importante de grande responsabilidade para a administração e o próximo trabalho que a AIC fará , devido às pessoas escolhidas , sua experiência , dedicação e total comprometimento ao projeto da AIC , que farão parte do futuro desenvolvimento da Associação.

Quando essa parte, que é obrigatória de acordo com nosso estatuto, terminar, a Presidente do Internacional, Marina Costa lerá o texto das Linhas Operacionais. Depois que nos reunirmos por países para discutirmos e refletirmos sobre esse assunto tão importante, esse texto será submetido à votação na Assembléia e será seguido dos **compromissos**.

À tarde os presidentes do nacional terão a oportunidade de se reunirem, por regiões dessa vez, para se encontrar com os novos presidentes, dividir suas preocupações e reflexões sobre problemas comuns e organizacionais. **Reflitam sobre como a AIC pode se beneficiar de suas habilidades, experiência e interesse no treinamento de líderes da nossa associação.**

A Assembléia estatutária se encerrará com o discurso final, onde provavelmente será pedido que o compromisso feito pelas voluntárias seja reforçado. Também é provável que sejamos encorajadas a fazer as mudanças necessárias, porquê quando a sociedade muda e se desenvolve, seu cidadãos também o fazem. Eis porquê é necessário que o serviço oferecido pela AIC evolua constantemente. Agilizemos nossa necessidade de nos renovarmos e sempre teremos que buscar novos desafios para ajudar os mais necessitados.

Hoje apreciaremos canções Italianas, uma oportunidade de vivenciar a cultura desse grande país, que nos deu boas vindas generosamente e nos ofereceu a oportunidade de consolidar nossas amizades e reforçar nosso compromisso em continuar a trabalhar juntos, com entusiasmo.

2007 – 2009 DIRETRIZES OPERACIONAIS

Convencidos:

- Da interação entre cultura e pobreza das mulheres
- Que toda cultura pode evoluir

Grupos da AIC se comprometem a:

1. Reforçar as resoluções sobre a pobreza através de:

- Criação e desenvolvimento de oportunidades para dividir problemas, trabalhar juntos e encontrar soluções.
- Educar para um melhor equilíbrio de papéis entre homens e mulheres.
- Educar sobre os direitos humanos, especialmente na defesa dos direitos das mulheres e ações políticas para a implantação de leis a favor das mulheres.

2. Acompanhar o desenvolvimento pessoal das mulheres

Convencidos que:

- Qualquer mudança deve partir das próprias mulheres e de um entendimento da situação.
- Toda mulher tem recursos próprios para mudar o rumo de sua vida.
- Toda mulher tem a capacidade de contribuir para a evolução de sua cultura.
- Toda voluntária tem a habilidade para criar necessárias condições para o desenvolvimento das mulheres.

3. Dar à sociedade um senso de responsabilidade

Através do reforço de:

- Grupos de trabalho que visem à promoção das mulheres.
- Promovendo esforços para encorajar o envolvimento e responsabilidade da sociedade.
- Conscientizando a mídia para promover a dignidade das mulheres.

Baseado em valores tais como:

- Respeito pela dignidade das mulheres
- Solidariedade entre as mulheres.
- Reforço do significado da família.
- Treinamento e experiência interior da espiritualidade Vicentina.

DISCURSO DE ENCERRAMENTO

Marina Costa

Antes de tudo gostaria de agradecer pela confiança depositada em mim. O voto que vocês me deram é principalmente uma aprovação ao trabalho que o Corpo Executivo desenvolveu nos últimos dois anos. Logo, gostaria de agradecer sinceramente a todos os membros do Corpo Executivo que trabalharam comigo durante esses anos, com a máxima solidariedade, partilhando responsabilidades e tarefas com amizade e engajamento.

Nessa ocasião, em particular, tivemos um grande número de candidatas ao Corpo Executivo e quero agradecer a todos pela disponibilidade para um trabalho intenso, a nível internacional, mas, mais que tudo, quero agradecer às Presidentes do Nacional que apresentaram as candidatas, o que mostra que o espírito de dever e responsabilidade em conjunto, é extremamente forte na AIC.

Quero agradecer a todos que foram eleitos, mas meus agradecimentos também vão para os que não foram eleitos. A indicação de seus nomes nos deu a possibilidade de promover eleições democráticas: não ser eleito em uma associação como a nossa não é uma falha, é um serviço, e acreditar nessa possibilidade demonstra que o espírito da solidariedade e de pertencer a um grupo, dessas voluntárias, está fortemente vivo. Agradeço sinceramente a todos vocês.

Tenho certeza de que o novo Corpo Executivo continuará a trabalhar com o mesmo espírito de solidariedade e comunhão que existe na AIC, tornando assim fácil de se formar um bom grupo, cheio de entusiasmo e capaz de facilitar a implantação das resoluções da Assembléia.

Durante os últimos dias aprendemos a nos conhecer, não apenas como pessoas, mas mais profundamente, comparando nossas culturas; criamos uma atitude mais aberta e viável, a fim de conhecermos as outras pessoas e seus valores pessoais. No momento de nossa partida nos orgulhamos de nossa cultura e mais enriquecidas, uma vez que a partilhamos em nossos momentos de troca e diálogos.

Criamos trajetórias para percorrermos sobre a pobreza das mulheres, que vocês levarão às suas associações e, o que eu acredito ser o mais importante, quando vocês retornarem, compartilhando não apenas o conteúdo de nossas linhas operacionais, mas também o espírito de irmandade e comunhão que nos inspirou durante essa Assembléia.

Espero que todos vocês sejam capazes de reviver, em seus próprios países, a experiência de boas vindas mútuas, a riqueza do compartilhar, o entusiasmo que esses dias nos causou, também no nível pessoal, e, acima de tudo a esperança que essa experiência nos proporcionou. Transmitimos a alegria de termos vivenciado que somos uma grande família, unida pelos mesmos ideais e pela fé.

Gostaria de salientar alguns pontos:

Assumir responsabilidades é um ponto forte e um passo adiante na linha da responsabilidade social conjunta ; enfatizamos a necessidade de nos sentirmos responsáveis conjuntamente e agora vemos a necessidade de uma ação mais concreta e ativa , e me refiro particularmente à tomada de responsabilidades :

- Contra as mulheres em estado de pobreza.
- Contra nós mesmos como voluntárias
- Contra toda a sociedade .

Como podemos agir?

Para darmos mais poderes às mulheres , nós , como voluntárias , temos que aprender como acompanhá-las com uma atitude de consideração e respeito , promovendo condições necessárias para seu desenvolvimento.

- Aceitá-las como são
- Aumentando suas proposições e soluções (não apenas lhes dando o que achamos ser melhor para elas)
- Dar a elas confiança.
- Aceitarmos seu ritmo.

Poderíamos apenas dizer : **aja com elas assim como Deus age conosco** .

Vocês apresentaram muitos modelos de ação , alguns aqui já indicados em Linhas Operacionais anteriores (por exemplo, treinamento e educação) , mas agora nos engajamos para focarmos diretamente neles como uma melhor alternativa à pobreza das mulheres.

Outros caminhos foram sugeridos, novos e concretos, e gostaria de acrescentar um comentário referente aos espaços para palestras e encontros. Em algumas situações será necessário criar novos espaços, em outros casos esses espaços já existem: já há locais de encontro para mulheres, em laboratórios, cursos de treinamento, clubes de mães etc. Esses são locais ideais para garantir as mulheres a possibilidade de expor seus problemas, sucessos, ambições em comum, detectar suas potencialidades e entender a necessidade de unir suas forças. Vamos nos empenhar para desenvolvermos esse aspecto!

Quero também ressaltar **a necessidade de se permitir visibilidade ao trabalho feito pela A.I.C** e esse é um assunto do qual cada um de nós está envolvido. Devemos transmitir nosso espírito, nossos valores, para sermos capazes de claramente dizermos o que estamos fazendo e o orgulho de fazer parte dessa associação.

A fim de mudarmos a situação das mulheres e implementar as novas Linhas, **A.I.C tem um valor a mais e esses são os pontos fortes:**

- **Ser uma associação de mulheres que trabalha com as mulheres** , entende seus problemas e se identifica com elas em uma situação em comum: ser mulheres em uma sociedade prevalentemente masculina , sem igualdade de sexos.
- **Ser agentes de proximidade**, o que estimula a evitar indiferença ante os conflitos e permite criarmos fortes laços, fonte de uma maior confiança.
- **Trabalhar em grupo** apenas com voluntárias locais, que passam por esses problemas da comunidade pessoalmente.
- Estimular a **criação**, ainda maior, de **grupos da A.I.C., que consistem de mulheres pobres**, engajando-as em autopromoção, processo de autogerência, para o desenvolvimento e bem estar da comunidade.
- Ter a possibilidade de **participar dos vários níveis de ação local**, assim como nacional e internacional.
- **Ter representantes nas organizações internacionais** . Eles têm plena consciência da responsabilidade de ser um representante da A.I.C , são bem-informados e preparados , capazes de propor , tomar iniciativas que sejam em prol das mulheres.

Todos sabemos que o encerramento de uma Assembléia não é o fim, mas simplesmente um começo; agora entramos em uma nova fase na nossa caminhada pela transformação e de luta contra a pobreza.

O espírito de comunidade que vivenciamos durante esses dias, os tópicos do Seminário, a força que a oração em conjunto nos trás, a semente plantada em cada um de nós em todos os momentos da assembléia, nos faz irmos embora com **novas forças e compromisso renovado** para animar a nossa tarefa. Consolidamos nossa união e laços de amizade, apreciamos o valor em comum de nosso engajamento e estimulamos as iniciativas de um trabalho em comum. As experiências dos necessitados foram sempre a presença principal em nosso trabalho, em nossas discussões, em nossas orações durante esses dias.

Uma Assembléia é a época de total conscientização, de pesquisar novos caminhos: trabalhamos, trocamos idéias, estipulamos objetivos, planejamos caminhos, e agora, a partir de hoje, quando estivermos em nossas casas, **as decisões tomadas devem ser colocadas em prática**, para serem convertidas em ações e dar vida aos caminhos e Linhas com as quais trabalhamos em conjunto.

Peço isso a vocês com toda a minha força e tenho o apoio de dois incitamentos, muito mais fortes que os meus:

Essas são as palavras de Shaika Haya, presidente da 61ª Assembléia Geral das Nações Unidas, que ocorreu em Nova Iorque em Dezembro de 2006; é um forte apelo que se refere a atual situação mundial: ***“Mais deve ser feito e devemos agir mais rapidamente”***.

O segundo incitamento pertence a São Vicente. Ele afirmou que devemos agir em favor dos pobres

“... com a mesma rapidez com a qual estaríamos apagando um incêndio”.

Leve à sua associação o entusiasmo, a esperança, o sentimento de comunhão que vocês vivenciaram durante os últimos dias. Demonstre, através de seu entusiasmo e engajamento que:

Vale a pena atender ao desafio de Cristo.

“Vale a pena lutar pelos pobres assim como o fez São Vicente”.

Compartilhe com eles novos caminhos e idéias levantadas nessa Assembléia e transmita essa mensagem a todos, com toda força:

“Mais deve ser feito e devemos agir mais rapidamente”.

Bom trabalho a todos vocês!